

UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC

Departamento de Pós Graduação

Mestrado em Educação e Sociedade

ADELÚZIA FERNANDES DE DEUS

**O MAL ESTAR DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NA
SAÚDE DOS PROFESSORES**

Barbacena

2009



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC

Departamento de Pós Graduação

Mestrado em Educação e Sociedade

ADELÚZIA FERNANDES DE DEUS

**O MAL ESTAR DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NA
SAÚDE DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª.Dr^ª. Maria Bellini

Barbacena

2009

ADELÚZIA FERNANDES DE DEUS

O MAL ESTAR DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada à Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª Maria Bellini
Universidade Presidente Antônio Carlos
Orientadora Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia de Souza
Universidade Federal de Viçosa – UFV
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC
Examinadora

Aprovado em ____/____/____

AGRADECIMENTOS

A todos que, de alguma forma, estiveram comigo nessa caminhada.
Às professoras da Rede Municipal de Ensino de Vespasiano/MG que com muito carinho aceitaram o meu convite e participaram dos grupos focais, dando uma contribuição inestimável para minha pesquisa.

À professora Maria Bellini, que sem nenhuma vaidade, compartilhou comigo o seu saber. Agradeço caríssima orientadora, pela paciência, pela tolerância e acima de tudo pela amizade.

Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores supõe domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser reduzidas no âmbito da acumulação do conhecimento.

(Esteve, 1999, p. 38)

RESUMO

Na contemporaneidade a intensa transformação no mundo do trabalho tem diminuído a qualidade de vida dos trabalhadores. O profissional da educação não está isento de tais desconfortos. O tema central desta pesquisa é o "mal estar", buscando compreender, sob a perspectiva do professor, a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental da Rede Municipal de Vespasiano/MG, identificando os agentes associados ao trabalho que contribuem para a produção de sofrimento e adoecimento. A pesquisa foi realizada junto à Secretaria Municipal de Educação de Vespasiano/MG e suas escolas, bem como a Secretaria Municipal de Saúde deste município. Foi utilizado como metodologia o "grupo focal", técnica qualitativa, não diretiva. Os grupos foram compostos por professores efetivos da Rede Municipal que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, totalizando 15 professores. De acordo com os dados coletados, é possível afirmar que os professores da amostragem apresentam um "mal estar" provenientes de agentes estressores relacionados ao trabalho. As queixas evidenciam uma grande insatisfação por parte das educadoras investigadas em relação ao seu trabalho, agravado pela crescente desvalorização profissional. A partir dos dados coletados, é possível verificar que as intensas transformações no contexto social e a perda da identidade têm afetado os profissionais da educação da Rede Municipal de Vespasiano, desencadeando em um cenário de efeitos perversos, como um conjunto de mal-estares, em muitos casos desestabilizando a saúde entendida aqui como bem estar físico, psíquico e social.

Palavras chave: Professor - Educação e Saúde- Mal estar docente

ABSTRACT

The intense transformation of contemporary labor has diminished the quality of life of workers. The Education professional is not free of such discomforts. The main theme of this research is the worker's "malaise". We aim to understand, from the perspective of the teacher, the dynamics of the work/health relationship of the basic education professional (1st through 4th grades) teaching in the municipal system of Vespasiano/MG, identifying the agents related to work that contribute to the production of suffering and illness. The research was done with the Municipal Bureau of Education of Vespasiano/MG and its schools, and the Municipal Bureau of Health of this municipal district. The "focus group" methodology was utilized, as well as quantitative techniques. The groups were composed by effective teachers of the municipal system totaling fifteen teachers. According to the data collected, it is possible to assert that in this sample of teachers a "malaise" presented itself deriving from the stress agents related to their work. The complaints show a great dissatisfaction on the part of educators investigated in relation to their work, aggravated by the increasing professional devaluation. From the data collected, it is also possible to verify the intense transformations in the social context and the loss of identity has affected the professionals of the education in the municipal system of Vespasiano, triggering a scenario of perverse effects, as a set of malaise, in a lot of cases destabilizing the worker's health, understood here as a whole that includes the physical, psychological and social welfare of the individual.

Key words: Education and Health, Teachers, , Burnout

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| 1 – Número de alunos da Rede Municipal de Ensino de Vespasiano por modalidades | 44 |
| 2 – Índices de afastamento de professores da Rede Municipal de Vespasiano no período de 2006 a 2008..... | 55 |
| 3 – Código Internacional de doença das professoras que possuem de 16 a 30 dias de afastamento das funções no período 2006 a 2008..... | 58 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMBEL – Associação dos Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte

BA – Bahia

CESAT – Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador

CID – Código Internacional de Doenças

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MG – Minas Gerais

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PUC - Pontifícia Universidade Católica

RJ – Rio de Janeiro

SINPRO – Sindicato dos Professores

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 O MAL ESTAR DOCENTE..... | 19 |
| 3 METODOLOGIA | 29 |
| 3.1 Procedimentos..... | 30 |
| 3.2 Caracterização do local e dos ambientes da investigação..... | 30 |
| 3.3 Grupos Focais..... | 33 |
| 4 ANÁLISE DE DADOS..... | 37 |
| 4.1 Desvalorização Profissional..... | 37 |
| 4.2 Identidade Profissional..... | 43 |
| 4.3 O adoecimento..... | 47 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 55 |
| REFERÊNCIAS..... | 59 |
| APÊNDICES | 65 |
| APÊNDICE A – CARTA CONVITE..... | 66 |
| APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 67 |
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO..... | 68 |
| APÊNDICE D – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO..... | 79 |
| ANEXOS..... | 70 |
| ANEXO A – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA..... | 71 |

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de pesquisa considero pertinente relatar parte da minha trajetória acadêmica e posteriormente profissional, para que o leitor possa compreender como fui construindo reflexões, análises e discussões na expectativa de compreender a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental.

Sem a pretensão de contar a minha história de vida, penso ser necessário elucidar alguns acontecimentos da minha trajetória que me impulsionaram a elaborar esta pesquisa. Remeto-me ao início da minha vida escolar quando ingressei com cinco anos, em 1971, no Segundo período em uma escola Pública tradicional do município.

De início me destaquei como uma criança de bom desenvolvimento cognitivo, o que me propiciou ficar na classe dos alunos "ricos". A partir deste momento, começaram as minhas dificuldades de adaptação. Era considerada a "pobrezinha" da classe e por isso sofria alguns tipos de discriminação por parte dos colegas. Para mim, era doloso aceitar ser a única da turma a não levar merenda e estar sempre à espera das sobras dos colegas mais privilegiados, não possuir uma boa pasta e merendeira escolar. Deste primeiro ano escolar ficaram em minha memória apenas as más recordações. São marcas que carrego comigo até os dias de hoje e evito reproduzi-las em outras crianças.

Hoje à luz de minha formação profissional, percebo que a escola, consciente ou não, ainda continua sendo reprodutora da divisão de classes que se configura em nossa sociedade, dividindo as turmas de acordo com o nível cultural dos alunos, existindo de um lado, alunos com capital cultural melhor e, do outro, alunos com capital cultural menor. Como estudante, não era tão visível, para mim, as relações de poder que permeavam o processo ensino-aprendizagem e a postura política que adquiria este ou aquele professor em relação aos seus alunos, não estava explícita, mas ela era vivida com intensidade no cotidiano escolar.

No ano seguinte, 1972, (terceiro período) a minha mãe mudou-me para outra escola Pública, onde permaneci até a 4ª série primária¹. Por diversas vezes, destaquei-me nas artes, participava de todos os eventos cívicos da escola, tinha uma grande facilidade em representar, o que fez de mim uma "artista mirim" da escola. Quando a minha mãe não tinha condições de me vestir de acordo com as exigências para participar dos eventos da escola, a direção providenciava recursos da caixa escolar para que eu pudesse participar. Havia ali encontrado

¹ Atualmente corresponde ao 5º. Ano de Escolaridade.

o meu espaço. Percebi que a filosofia de uma escola e a prática desenvolvida na mesma pode fazer grande diferença na vida do estudante.

Durante a minha caminhada entre a 5ª série² e o Ensino Médio, vivi intensamente a condição de estudante, me envolvendo em movimentos coletivos através de grêmios estudantis, buscando sempre defender os direitos dos alunos e solucionar demandas oriundas desse segmento. Acredito que foi a partir desta formação que me vejo até os dias de hoje preocupada com o bem estar coletivo da categoria na qual estou inserida.

Sob a influência da família e dos meus professores decidi fazer magistério. A mola propulsora da minha escolha, naquele momento, encontrava-se respaldada na valorização social da profissão e no fácil ingresso no mercado de trabalho.

A primeira escola onde eu encontrei dificuldades para adaptar-me enquanto aluna, foi a primeira que me recebeu como profissional. Na docência, não perdi de vista os motivos que causam prazeres e desprazeres nos estudantes e busquei criar vínculos afetivos com os meus alunos, procurando cultivar sempre em "bom tom" as relações interpessoais no interior da instituição escolar. Em contra partida, durante quatro anos lecionei em turmas com defasagem série/idade³, turmas estas, com dificuldades de aprendizagem e distúrbios comportamentais. Eram turmas difíceis, nas quais o professor trabalha a maior parte do tempo sob tensões, e exige-se do profissional um grande esforço emocional. A sensação que se tem é que é exigido do professor muito mais do que ele tem para oferecer. Nesses momentos sentia o peso da profissão. A ansiedade para alcançar meus objetivos, sob o ponto de vista da aprendizagem, junto aos meus alunos, passou a fazer parte do meu cotidiano no exercício da minha profissão. Por outro lado, me sentia culpada em não conseguir oferecer para o aluno tudo o que ele precisava.

Ao ingressar na escola como professora, relembrei os meus tempos de estudante e percebi a persistência de problemas de indisciplina, distribuição de turmas, defasagem de aprendizagem e práticas metodológicas que ainda reproduzem os interesses da classe dominante alienando os indivíduos.

A sociedade vem mudando rapidamente e é perceptível um grande desconforto nas instituições de ensino, por parte dos docentes, que visto antes como uma figura profissional essencial para a sociedade, é hoje um profissional que luta pela valorização e reconhecimento social do seu trabalho.

² Atualmente é o 6º. Ano de escolaridade.

³ Idade superior à correspondência sequencial do ano de escolaridade.

Ao assumir a função de Diretora Escolar em 1997 passei a escutar mais as queixas dos professores e preocupar-me mais com o bem estar dos funcionários. Percebo uma grande insatisfação por parte da maioria dos educadores agravado pela crescente depreciação e desqualificação social e psicológica destes profissionais, através de um extenso rol de queixas, como, por exemplo, o rebaixamento salarial e a desvalorização das atividades exercidas.

Um fato que ocorreu comigo levou-me a refletir muito sobre a situação atual de bem estar do professor. Quando fui assumir um cargo de professora na prefeitura de Belo Horizonte, lembro-me nesta época de ter passado por momentos constrangedores e de enorme tensão emocional, porque não fui aprovada nos exames médicos. Descobri que tinha um pólipó⁴ na garganta e submeti-me a uma cirurgia de urgência. Passei por uma sensação de perda, ora como se “tirassem das minhas mãos”, a possibilidade de uma melhoria profissional. Guardo daquele momento a convicção de que os professores, muitas vezes, possuem enfermidades que desconhecem e que adquiriram no exercício da profissão. Esta situação constitui-se apenas em um exemplo, mas pesquisas apontam para outros problemas, principalmente relacionados à saúde emocional que afetam a categoria.

São raras as políticas públicas preventivas que se preocupam com a saúde do professor e a categoria não dispõe de planos de saúde dignos.

As mais diversas interações estão presentes no cotidiano escolar. Desta forma, o estado emocional implica na maneira como o sujeito se comporta e enfrenta os reveses do cotidiano no trabalho, e é um dos grandes responsáveis pelo sucesso das relações interpessoais no interior das instituições escolares. Atualmente este estado emocional está sujeito às intempéries de uma sociedade em profundas transformações caracterizada pela violência e pela ausência de valores que respaldam uma boa convivência.

Existe hoje, uma sensação de crise percebida nos diferentes níveis de ensino e no conjunto das práticas escolares, manifestando-se, principalmente nas relações de poder que durante longo tempo se estabeleceram no cenário educacional. A crise se desvelou “no conflito ininterrupto entre as forças imanentes construtivas e criadoras e o poder transcendente que visa restaurar a ordem”. (HARDT; NEGRI, 2004, p. 93-94).

O que temos observado é a ineficácia crescente das maneiras tradicionais de organização das instituições escolares, buscando diminuir as incertezas e enveredar em um

⁴ enfermidade comum em professores pelo mau uso da voz

campo seguro. Neste movimento a escola vem tentando se equilibrar com as novas conformações e com os diferentes tempos e espaços que por elas são engendrados.

Nas palavras de Veiga-Neto (2008, p. 4) a sensação de crise pode ser entendida como as “manifestações do diferencial entre as tentativas de prever e dominar os acontecimentos e seu caráter justamente imprevisível”.

A educação hoje, sintetiza de certa maneira, as idéias e os ideais da modernidade. Em linhas gerais a educação está alicerçada nas idéias de progresso constante através da razão e da ciência, numa visão de mundo sólido.

Existe a crença real entre educadores na eficácia do planejamento, que o futuro será promissor, desde que o planejamento esteja bem feito. A escola da Modernidade nasceu com o objetivo de produzir um saber necessário ao poder disciplinar deste contexto.

O projeto da Modernidade vislumbrava um caminho linear e contínuo em direção à evolução do ser humano e da sociedade; onde se espera do sujeito, a capacidade de desvendar os enigmas da natureza, através da razão, concretizando o plano da verdade universal, entretanto, a ‘promessa’ não se cumpriu.

Estas são algumas características daquele que passou a ser chamado de projeto da Modernidade que, segundo Veiga-Neto (2000), talvez tenha falhado não por ser de difícil consecução, mas porque partiu de premissas falsas.

As transformações hoje perpassam pelo social: transformações nos sistemas de informação e comunicação; diferentes formas de relações entre capital e trabalho e principalmente mudanças no modo como nos constituímos subjetivamente.

O modelo econômico, político e social do Brasil, assim como o avanço tecnológico, trouxeram grandes desafios para a educação. A nossa cultura atual se ocupa da linguagem do rádio, televisão e da internet. O processo de informatização da sociedade “antes entendidas como meras extensões dos sentidos do homem, hoje são compreendidas como algo muito mais profundo, que interfere com o próprio sentido da existência humana” (PRETTO, 2006, p. 22). Sem esses recursos, o homem do nosso tempo vive isolado, em um analfabetismo funcional e social. A escola, ao tomar para si como objetivo formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, não consegue selecionar, como objeto de ensino, conteúdos que estejam sintonizados com as questões sociais que marcam a atualidade. Percebe-se que a escola ainda é um mecanismo necessário e útil, porém por razões bem diferenciadas. Desta forma, não podemos negar que a escola atualmente, encontra-se muito sensível e fragilizada frente a tantas mudanças sociais, políticas e econômicas.

São novos caminhos que estão constantemente sendo produzidos. Os movimentos vivenciados estão sempre na dependência da interpretação que lhe damos, das perguntas que lhe fazemos, por aquilo que vemos e pelo que não vemos com clareza. Segundo Santos (2001), estaríamos numa época de turbulências em que não se tem mais consensos quanto às formas de ser, fazer e pensar o mundo. Abre-se espaço para discutir as diferenças e as questões que até então foram tidas como 'naturais' são problematizadas.

Exercer a docência na contemporaneidade é cada vez mais difícil. Os referenciais que tínhamos até meados do século XX já não servem mais para compreendermos nosso tempo. É difícil para o professor se distanciar do seu próprio tempo. Em função disso, muitas vezes, o contraponto com o passado é inevitável, causando ao professor um certo desconforto.

Historicamente atravessamos momentos de impasses entre escola e sociedade e as inquietações abrem novas perspectivas educacionais. Sendo assim, caminhamos para uma mudança da própria função social da escola. Os agentes tradicionais de socialização, como por exemplo, a família, nos últimos anos, por diversas circunstâncias vêm renunciando aos papéis que anteriormente desempenhavam no âmbito educativo. Outro impasse está centrado na escola vista anteriormente como a única instituição transmissora de conhecimento. A educação tradicional que até então tinha a certeza de sua função como reprodutora dos valores e da cultura da sociedade, começa a perder o seu espaço na fluidez do mundo contemporâneo. Os meios de comunicação e consumo cultural de massa são fontes paralelas de transmissão de informação e cultura.

O que vêm acontecendo atualmente me parece um paradoxo, rapidamente o nosso sistema educacional, se massificou, porém busca atender objetivos de um sistema projetado para atender a elite.

De acordo com Esteve (1999) as exigências da sociedade sobre o professor têm-se diversificado ante a presença simultânea de diferentes modelos educacionais, que envolvem diferentes concepções da educação e do homem, porém, a mesma sociedade que exige novas responsabilidades dos professores não lhes fornece os meios que eles reivindicam para cumprí-las.

A idéia que se tem no momento atual é que a humanidade cria mais informações do que o homem pode administrar. A complexidade, daí decorrente, mina a autoconfiança, acarreta o sentimento de impotência diante de uma realidade que se afigura ininteligível. O tempo sempre escasso diante da quantidade de coisas que precisamos saber, transforma nossas atividades em fonte de eterna insatisfação. O sentimento é de termos entrado numa

corrida sem fim e para qual não temos resistência suficiente. O que nos é apresentado são condições muito adversas. Atribui-se relevante importância à educação, mas o reconhecimento não atinge os profissionais responsáveis por este trabalho.

Por mais que as autoridades educacionais invistam, nas escolas, em equipamentos, laboratórios, quadras esportivas dentre outros, ainda sim, não se compara, ao importante papel exercido pelo professor no processo de ensino/aprendizagem.

As mudanças no contexto social têm afetado os profissionais da educação, revelando um conjunto de mal-estares, em muitos casos desestabilizando a saúde, entendida aqui como bem estar físico, psíquico e social.

As pesquisas de Esteve (1999); Codo (1999) revelam que as condições de trabalho dos docentes brasileiros, diferentes das condições de trabalho dos professores europeus, são consideradas precárias e têm sido apontadas, nas pesquisas atuais, como causadoras do adoecimento físico e psíquico.

O que se vê é o desencadeamento de um cenário perverso no qual o "mal estar pedagógico" está instalado, proveniente de demandas que muitas vezes não são produzidas no interior das instituições escolares e às quais os profissionais da educação não estão preparados para solucionar. Percebem-se ainda tensões emocionais dos professores em relação a eles mesmos, na tentativa de se identificarem com suas próprias imagens profissionais.

A educação vive hoje momentos de incertezas. A escola está envolvida nos problemas sociais e se vê obrigada a enfrentá-los. As dificuldades da escola não são oriundas apenas das exigências atuais, mas das próprias contradições que se agravam na contemporaneidade. Para manter condições estimulantes de aprendizagem, se faz necessário uma relação de boa qualidade entre educadores e educandos. Essa relação é favorecida através do bem estar físico e emocional de ambos.

A mídia tem divulgado esporadicamente, um acréscimo no índice de afastamentos temporários ou definitivos de professores da regência devido a problemas de saúde física ou mental, bem como, o decréscimo de interessados pela profissão.

Os afastamentos provocam inúmeras perdas: para o governo, que arca com as perdas financeiras, para os professores que além dos problemas de saúde, oriundos da profissão, também sofrem com as horas gastas nas perícias médicas e para o aluno, conseqüentemente o prejuízo não é menor, ao final do ano letivo a sua carga de horas/aulas não atinge o estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, prejudicando assim o andamento do desenvolvimento curricular.

É pertinente ressaltar que, nesta relação professor/aluno, ambos possuem direitos que devem ser respeitados. O aluno tem o direito de usufruir de uma educação de qualidade, com aulas dinâmicas e inovadoras que lhes proporcionem construir o conhecimento. Mas, na outra ponta está o profissional da educação - o professor - que depende de alguns fatores para desempenhar sua função. Dentre eles: ambientes propícios, com condições adequadas de trabalho, materiais didático-pedagógicos de qualidade, e respeito por parte daqueles que recebem o seu serviço.

Nesta pesquisa, busca-se desenvolver uma análise que leve à compreensão, sob a perspectiva do professor, da dinâmica que envolve a relação trabalho/saúde dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Vespasiano/MG, bem como, identificar e analisar os agentes que possam contribuir para desencadear o processo de adoecimento deste profissional.

O foco da pesquisa é dar maior visibilidade à problemática da relação saúde/trabalho através de um estudo qualitativo, procurando estar na escuta e compreender a dinâmica que aí se estabelece. Espera-se assim, contribuir para esclarecer aos que direta ou indiretamente estão envolvidos com a educação, como se dá a produção de sofrimento e adoecimento nos professores. A partir daí, pretende-se identificar variáveis que possibilitem ao professor preservar o seu estado emocional em um padrão de normalidade sem prejuízos à saúde.

A preocupação com as condições de trabalho e saúde dos professores tem sido tema de estudos em diversas áreas do conhecimento científico. Os trabalhadores da educação representam uma das maiores categorias profissionais do país, faz-se necessário que estes tenham condições adequadas e seguras para que possam desenvolver bem o seu trabalho, criando autodefesa em prol do seu bem estar.

Na expectativa de impulsionar uma discussão sobre as condições do trabalho e da saúde dos professores, busco responder as seguintes questões: Quais são os reais fatores associados ao trabalho na contemporaneidade que provocam o "mal estar" docente? Quais as implicações que o "mal estar" docente traz à saúde do professor? Como produzem formas de preservar a saúde? .

Ao usar a expressão “mal-estar” docente pretende-se dizer que algo não vai bem, que existe um incômodo real, mas não se consegue definir exatamente o que o provoca. Busca-se identificar os agentes relacionados ao trabalho que contribuem para o surgimento do "mal estar" docente, levantar incidências de "mal estares" que provocam o afastamento de

professores da rede municipal de Vespasiano e enumerar estratégias que vêm sendo utilizadas pelos professores para preservarem sua saúde.

O conteúdo deste trabalho está estruturado em quatro capítulos, após esta introdução.

O segundo capítulo apresenta alguns estudos recentes sobre o mal-estar docente, abordando de forma sucinta a trajetória da pesquisa educacional, para que o leitor possa compreender a incipiência da abordagem sobre o assunto no Brasil. O capítulo busca definir em que consiste o mal-estar docente, propiciando uma análise dos principais fatores, com que se podem identificar os agentes causadores deste mal-estar.

No terceiro capítulo descreve a escolha do cenário da pesquisa, dos sujeitos envolvidos e os caminhos percorridos na busca de respostas às indagações propostas neste estudo.

O quarto capítulo apresenta uma análise dos dados coletados junto aos professores nos grupos focais e junto à Secretaria Municipal de Saúde organizados em torno de três eixos: Desvalorização profissional, Identidade profissional e o Adoecimento.

Para concluir, o quinto capítulo tece considerações a respeito dos resultados obtidos com a intenção de apontar caminhos que possam contribuir para melhorar as condições físicas e emocionais dos professores, além de sensibilizar os governantes quanto à necessidade de implementar políticas públicas direcionadas para esta categoria, que têm a grande responsabilidade de formar cidadãos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e humanitária.

2 O MAL ESTAR DOCENTE

O trabalho humano possui um duplo caráter: por um lado, é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando conformando o processo de identidade dos sujeitos; por outro lado, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde.

(Seligmann-Silva, 1987)

O desenvolvimento de estudos educacionais sistemáticos no Brasil começou com a criação do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais e posteriormente com o desdobramento do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) no final dos anos 30, encontrando assim, o pensamento educacional, um espaço específico de produção, formação e incentivo, mas, foi somente com a implantação de programas sistemáticos de pós-graduação, mestrados e doutorados, ao final da década de 60, que se acelerou o desenvolvimento da área de pesquisa no país. Neste período, ganham força os estudos voltados para as condições de desenvolvimento da Sociedade Brasileira.

Com a formalização dos cursos de pós-graduação houve uma grande expansão na pesquisa. O primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em educação, foi criado em 1965, na PUC/RJ⁵. Entre os anos de 71 e 72 foram criados 10 cursos e em 75 já haviam 16, ao mesmo tempo em que se assistia a expansão dos quadros de pessoal nas universidades e a emergência de alguns grupos de pesquisa.

Ganha lugar de destaque junto à comunidade científica uma diversidade de temas tais como currículo, avaliação de programas, caracterização de redes e recursos educativos, relações entre educação e trabalho, características de alunos famílias e comunidades, nutrição e aprendizagem, dentre outros. (SANTOS FILHO, 2003)

Paralelo ao crescimento das pesquisas na área educacional, observam-se também muitas mudanças nos contextos das produções dos trabalhos científicos, relacionadas principalmente aos referenciais teóricos e às abordagens metodológicas. Os estudos qualitativos, que englobam um conjunto diversificado de métodos, técnicas e de análises, entre os quais, estão os estudos de caso, as análises de discurso, de narrativas e de história de vida, começam a aparecer com maior frequência.

Nas décadas de 80 e 90 o exame de situações reais na escola e na sala de aula é que constituíram os principais interesses dos pesquisadores. Se o papel do pesquisador era de um sujeito “externo” ao campo de pesquisa, nos últimos anos tem havido uma grande valorização

⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

do olhar “de dentro”, fazendo surgir muitos trabalhos em que se analisa a experiência do próprio pesquisador.

Neste momento aparecem os estudos que se debruçam sobre o cotidiano escolar: o currículo, as interações sociais na escola, as formas de organização do trabalho pedagógico, a disciplina e a avaliação. O exame de questões gerais vai cedendo espaço para as análises de problemáticas específicas e locais, que vão surgindo no interior das instituições escolares.

Pesquisadores se deparam com um novo percurso escolar que vai se delineando na contemporaneidade, enraizado nos dilemas vivenciados pelos professores, os quais, merecem enorme atenção, sendo que, o trabalho do professor constitui historicamente um dos principais modos de construção de processos institucionais no âmbito da educação e das aprendizagens humanas.

Se a tendência hoje da pesquisa na área educacional está voltada para o interior das instituições escolares, o interesse do pesquisador em investigar as relações de trabalho que envolvem o professor cresce a cada dia. No entanto, o trabalho do professor, visto, no que se refere às relações entre processo de trabalho e a saúde, ainda não possui de forma geral, o mesmo destaque de investigação científica que outras temáticas.

Os dilemas vivenciados pelos professores integram parte do currículo da escola, como todos os outros aspectos sociais e culturais. Muitas são as questões a serem investigadas e analisadas, questões estas, que hoje têm causado uma sensação de incômodo ao professor, em muitos casos, desestabilizando o seu bem estar emocional.

A partir da década de 70 a literatura científica apresentou freqüente uso do termo "burnout". Freudenberger (1974) criou a expressão *staff burnout* para descrever uma síndrome composta por exaustão, desilusão e isolamento em trabalhadores da saúde mental. Desde essa época, tal síndrome tem sido tema de artigos, de livros e de discussões em congressos.

O *burnout* foi reconhecido como uma síndrome que é mais comum entre os profissionais que estão diretamente envolvidos com a comunidade, atingindo principalmente, os profissionais que estão inseridos na área da saúde, educação e serviços humanos. (LIPP, 2002). Tal fenômeno foi pesquisado e estudado em relação aos professores o que nos leva a crer que o trabalho do professor oferece condições propícias para o desenvolvimento do “burnout”. Jesus (2002) procura enfatizar a situação do mal estar docente como a última fase de um processo de desconforto com exigências profissionais que extrapolam os recursos adaptativos do professor.

As intensas transformações no mundo do trabalho têm diminuído a qualidade de vida dos trabalhadores da educação e provocado grande impacto nas relações interpessoais junto à comunidade escolar. Vive-se constantemente apressados, os horários são desrespeitados e a vida caminha em um ritmo por demais acelerado. A complexidade do trabalho docente, exigida pela sociedade contemporânea, aponta indícios de um quadro desanimador de exaustão profissional através do mal estar, fragilizando o docente.

O conjunto de sintomas que o professor possa apresentar numa situação de Burnout pode ocorrer devido à dificuldade em fazer face às exigências que lhe são colocadas pela sua profissão, {...} em que se podem distinguir três etapas: exigências profissionais excedem os recursos adaptativos do professor provocando stress (alerta); segundo, o professor tenta corresponder a essas exigências, aumentando o seu esforço (resistência), por fim aparecem os sintomas que caracterizam o mal estar propriamente dito (exaustão). (JESUS, 2002, p. 18)

O sentimento de mal estar se instala e pode ser considerado um grande problema no mundo profissional na atualidade. “Os primeiros indicadores começaram a se tornar evidentes no início da década de 80 nos países mais desenvolvidos”. (Esteve, 1999, p. 11)

De acordo com Esteve (1999) a Suécia começa a falar do problema em 1983, observando uma crise geral do sistema educativo, cujo indicador mais relevante, era a deserção progressiva dos quadros docentes. Na França não foi diferente, em 1988 a mídia divulgou reconhecer a falta de professores o que originou pesquisas relacionadas à problemática.

Um em cada dois professores participantes de uma pesquisa na Universidade de Munique estava exposto ao risco de sofrer um ataque cardíaco. Entre docentes da Hungria constatou-se maior prevalência de distúrbios advindos do estresse. (MACHADO, 1998)

Nos Estados Unidos, DeFrank & Strop (1996) estudaram professores de escolas elementares para avaliar a relação entre fatores pessoais, estresse, insatisfação no trabalho e problemas de saúde. De acordo com o instrumento de avaliação de estresse usado, os itens mais freqüentemente relatados foram sobre carga laboral e problemas com os alunos, referidos como tentativas contínuas de motivar estudantes que não desejam aprender.

Entre os educadores franceses 60% das solicitações de licença por motivo de doença estão relacionadas aos distúrbios nervosos. Além disso, entre as pessoas hospitalizadas por doenças mentais, a maior incidência de neuroses com depressão recaiu sobre os professores, mais do que em qualquer outra categoria de profissionais (GOMES, 2002).

No Brasil, o aumento de adoecimento e afastamento de professores do trabalho tem chamado à atenção dos que, de alguma maneira, estão envolvidos no sistema educacional. Mas comparada à literatura estrangeira, encontram-se ainda poucas iniciativas no sentido de

avaliar as repercussões do trabalho sobre a saúde de categorias de trabalhadores onde esses riscos são menos visíveis, como no caso do professor. O interesse em relação à saúde dos trabalhadores intelectuais, com o ambiente escolar e com o bem estar dos que lá se encontram, pode-se dizer que está apenas iniciando, levando em consideração a proporção da gravidade do problema.

O professor tem vivenciado profundas mudanças pessoais, sociais e econômicas. Diante disso, alguns estudos recentes encontrados no Brasil vêm apontando para um quadro crescente de mal estar físico e emocional do trabalhador educacional.

Alguns pesquisadores centram seus estudos na figura do docente, buscando desvendar os efeitos nocivos que o exercício da profissão pode causar aos professores. Uma das grandes inquietações, apresentadas pelos docentes, relaciona-se ao modelo econômico, político e social do Brasil, assim como o avanço tecnológico. O governo busca criar mecanismos para responder às demandas oriundas de um fenômeno denominado "globalização". (MARTINEZ; KOHER, 1997)

A globalização não é um fenômeno novo, é um processo competitivo que ultrapassa as fronteiras nacionais desde a sua origem no séc. XV. O que caracteriza o momento atual é a sua escala, natureza e velocidade, baseada na inovação tecnológica e organizativa. Como diz Arruda (1998) a globalização na América Latina se intensifica nos anos 90. A partir deste momento, ocorrem profundas transformações no modelo econômico, ditadas por instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

O Brasil busca a modernização visando sua inserção no mundo globalizado. Entretanto, no país, o que se vê é um quadro de desigualdades sociais que se configuram em violência e em desemprego, constituindo-se em fontes geradoras de tensão e sobrecarga.

Diante das novas realidades econômicas, o saber tornou-se matéria prima fundamental para a competitividade das nações. A educação adquire o aspecto de mercadoria essencial para o ingresso do país na modernidade capitalista. Conseqüentemente, obriga que a administração e o monitoramento das escolas e dos professores sejam feitos em níveis cada vez mais locais, embora a "cultura avaliativa" fique sob controle de esferas cada vez mais abrangentes. As avaliações são padronizadas e aplicadas independente da realidade na qual a instituição escolar esta inserida. O professor se vê obrigado, em muitos casos, a desenvolver um currículo para atender as exigências das autoridades educacionais e não às reais necessidades dos alunos.

Certo é que as transformações sociais vêm apontando para reflexões em torno do currículo. Contraditório a uma visão mais ampla de currículo, o que se vê são instrumentos de controle do fazer pedagógico e as suas implicações na condição de mal-estar dos professores.

Uma pesquisa realizada por Paschoalino; Aranha; Cunha (2006) numa Escola de Ensino Médio da Rede Municipal de Belo Horizonte-MG, revela um ambiente desanimador entre os professores, que sentem a pressão da sociedade atual cobrando um atendimento educacional pautado nas diferenças, quando na verdade, a construção do currículo na escola se encontra permeado por forças externas ao espaço escolar e que escapam em muito, ao poder de decisão do professor.

As políticas públicas no campo da educação têm sido corroborativas no sentido de produzir condições favoráveis e até mesmo desencadeadoras de um profundo mal estar dos professores no exercício de suas atividades profissionais.

Uma das Políticas Públicas, que ilustra bem a situação de desconforto vivenciada pelo professorado, é a proposta de sistema de ciclos. Tal proposta está embasada na idéia de um percurso contínuo em que os educandos não sejam reprovados, mas possam prosseguir em seu processo de escolarização com acompanhamento adequado às suas diferentes necessidades.

Exige-se que o professor mude a organização temporal e seqüencial do que vai desenvolver com seus alunos. Espera-se que o professor acompanhe grupos heterogêneos, oferecendo atendimentos diversificados para uma mesma turma, na maioria das vezes são mais de 30 alunos em cada sala de aula. O agravante nestes casos é que os professores não estão preparados, não podem contar com apoio de outros especialistas, não vivenciaram isso enquanto alunos e nem tão pouco, condições lhes são oferecidas para a realização de uma nova organização dos tempos escolares. Desta maneira o professor vai sendo afetado em seu fazer pedagógico. O sentimento de impotência para lidar com uma concepção nova de tempo, dos espaços escolares, da seleção curricular e do sistema de avaliação se instala.

De acordo com o Ministério da Educação, a combinação de uma nova orientação curricular, de uma nova concepção de trabalho e de gestão educacional, constitui-se a mola propulsora que irá elevar a qualidade do ensino. Contudo, as reformas educacionais procuram definir tanto o conteúdo de ensino, através dos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto à prática docente através do controle dos níveis de aprovação e reprovação dos estudantes onde se vincula a quantidade de recursos, além de oferecer, políticas de qualificação docente direcionadas à padronização do trabalho didático-metodológico.

O atual currículo prescrito, portanto, explica-se no conjunto das medidas consideradas necessárias ao alinhamento do país à peculiaridade acordada no âmbito internacional. Sua importância não pode ser superestimada, mas está claramente afirmada na forma como se impõe os parâmetros curriculares articuladamente às avaliações externas, que classificam as escolas e as obrigam a redirecionar seu trabalho pedagógico. (SAMPAIO & MARIN, 2004, p. 3)

O discurso em âmbito federal está geralmente vinculado à propagação dos gastos que já foram efetuados com a educação, como os programas de renda mínima, distribuição de livros didáticos, bolsas de estudo e complementação de renda para as famílias e municípios que mantêm suas crianças na escola. Os meios de comunicação de massa divulgam constantemente os investimentos que os governos aplicam na educação, levam a sociedade a encontrar outros culpados por um ensino deficitário e de má qualidade, em muitos casos a culpa recai nos profissionais da educação.

O momento é de vulnerabilidade, o currículo que até então "imprimiu uma ordem geométrica, reticular e disciplinar, tanto aos saberes, quanto a distribuição desses saberes ao longo de um tempo" (VEIGA-NETO, 2002 p. 23), hoje vislumbra um novo modelo curricular em função das transformações temporais e espaciais da sociedade.

Na contemporaneidade, com o processo da globalização possibilitado pelo avanço da tecnologia, as fronteiras entre o tempo e o espaço são minimizadas, descaracterizando paradigmas tradicionais impostos por uma prática curricular ultrapassada. Caminha-se para uma mudança da própria função social da escola, o que implica diretamente em repensar as concepções de currículo que possa dar melhores respostas às mudanças ocorridas. Se de um lado a proposição é admissível, de outro lado os caminhos que deverão ser percorridos pelos educadores e educandos ainda são bem obscuros, vulneráveis e incertos.

Ao longo do Século XX, concepções pedagógicas, psicológicas e Sociológicas da infância foram-se misturando com "ideologias de salvação, "alimentando a ilusão de escola como lugar de "redenção pessoal" e de "regeneração social". Simultaneamente a demissão das famílias e da comunidade das suas funções educativas e culturais ia transmitindo para as escolas um excesso de missões. Para além do currículo "tradicional" vagas sucessivas de reformas foram acrescentando novas técnicas e saberes, bem como um conjunto interminável de programas sociais, culturais e assistenciais: educação sexual, combate à droga e à violência educação ambiental e ecológica, formação para as novas tecnologias [...] Ninguém duvida que, isoladamente, cada um desses programas é da maior relevância. Mas visto no seu conjunto, ilustram bem a amálgama em que se transformou a nossa idéia de educação. (NÓVOA, 2002, p. 15)

Frente a percepção da necessidade de um novo modelo curricular, o professorado se vê acuado diante da sutileza dos instrumentos criados por diversos setores da sociedade. Existe um trabalho de doutrinação simbólica do qual participam ativamente as lideranças

empresariais e governamentais, e passivamente muitos intelectuais e docentes, convencidos da necessidade de uma melhoria na área educacional.

Segundo Vieira (2002) a legitimidade do discurso das autoridades educacionais, que acaba abafando contestações, vem sendo construída através de constantes apelos às necessidades de melhoria da qualidade do ensino, das escolas e do trabalho docente. O currículo escolar, proposto para atender ao discurso, pouco a pouco, padroniza a prática docente, afastando o professorado das funções de concepção do seu próprio processo de trabalho, restringindo o espaço de sua autonomia, através da supervalorização das práticas, que atendem aos apelos dominantes.

O professor é apresentado como sujeito chave para o sucesso ou o fracasso dos processos educacionais. Generaliza-se o questionamento sobre a formação dos docentes nos mais diversos níveis dos sistemas de ensino.

O professor se vê pressionado pela sociedade a cumprir um papel que põe em discussão sua formação acadêmica, o que significa estar muitas vezes inseguro, diante de um número excessivo de informações que ele não consegue incorporar ao seu trabalho.

Há alguns anos os professores representavam uma fonte quase exclusiva de informação e transmissão do saber, o que de certa forma dava-lhe uma segurança quanto ao processo ensino aprendizagem. Atualmente devido à facilidade de acesso a canais de informação, qualquer afirmação sua pode ser examinada ou até mesmo contestada (GOMES, 2002 p. 17)

A profissão de professor que, anteriormente, fora muito procurada e desejada pelos jovens, hoje não atrai mais este público que prefere investir em outras profissões menos estressantes e com melhores retornos financeiros.

A rapidez e a complexidade das transformações no mundo do trabalho, a qual atravessa a sociedade atual, se constituem em fontes geradoras de tensão e sobrecarga física e mental.

{...}entre o ideal da função de professor – requerida pelo sistema, como pelos alunos (e seus familiares) e pelo próprio aspirante à função de educador – e as condições que o mercado de trabalho impõe, perdura um espaço de tensão que ocasiona um nível de estresse elevado, pressionando para baixo a eficiência da atividade docente. (Esteve, 1999, p. 8)

Os estudos de Codo (1999) sobre a saúde mental dos professores de 1º e 2º graus em todo o país, abrangendo 1440 escolas e 30.000 professores, revelaram que 26% dos professores da amostra estudada apresentavam exaustão emocional, cerca de 1 professor a cada quatro estudados. A desvalorização profissional, a baixa estima e ausência de resultados

percebidos no trabalho desenvolvido, foram fatores importantes para o quadro revelado através de sua pesquisa.

Ruiz (2001), investigou a demanda de professores de 1° e 2° graus da rede pública de Sorocaba, São Paulo, num ambulatório especializado em saúde ocupacional. A demanda por atendimento foi no começo do ano pequena, nos meses seguintes aumentava, no início do 2° semestre voltava a diminuir e, novamente, aumentava no final do corrente ano. Durante as férias, a demanda registrada era mínima. De acordo com o autor, esse comportamento da demanda favorece a hipótese de que a procura do cuidado médico e, conseqüente afastamento do trabalho, aumentava no decorrer do período letivo, revelando um desgaste crescente dos professores.

Em Salvador, Bahia, o Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador - CESAT, órgão da Secretaria de Saúde do Estado, em um estudo da demanda do Ambulatório no período de 1991 a 1995, registrou o atendimento de 76 docentes. Das pessoas atendidas 93,4% eram mulheres, com faixa de idade predominante entre 40 a 49 anos. Após a avaliação, 46 professores foram diagnosticados como portadores de doenças ocupacionais. As doenças encontradas foram: calos nas cordas vocais, rinosinusite, asma, Lesões por Esforços Repetitivos, dermatose e varizes. (SINPRO-BA, 2003).

Estudo realizado em Vitória/ES, cuja pesquisa é intitulada "Trabalho docente e saúde mental", que objetivou problematizar e analisar as práticas educacionais na rede municipal de Vitória/ES, constatou que as condições e organização do trabalho no campo da educação interferem significativamente, na condição de bem estar do profissional. Principalmente as relações entre gestores e professores. (HECKERT *et. al.* 2001; BARROS, 1997).

Os estudos de Heckert mostram que nas escolas de Vitória/ES, onde o índice de licenças médicas é alto, constata-se "formas de organização do trabalho em que predominam práticas autoritárias e a ausência de atividades nas quais os professores possam colocar em análise suas práticas" (Heckert *et. al.* 2001, p.152).

Os resultados encontrados na pesquisa citada, confirmaram as hipóteses referentes aos efeitos negativos que um ambiente hostil causam à saúde dos professores. Alguns aspectos foram destacados entre os professores: a desvalorização do trabalho por parte dos gestores, a redução dos espaços de discussão coletiva, a falta de investimento nos programas de capacitação, a falta de autonomia dos professores e o autoritarismo por parte dos administradores. Segundo os autores, os dados coletados "evidenciam queixas, culpabilidade e principalmente, dificuldades de produzir análises que os desloquem desse lugar

enfraquecido de onde não se percebem como produtores do processo" (HECKERT et al, 2001. p. 156).

Gomes (2002), em seus estudos sobre a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes do ensino médio da rede pública do Rio de Janeiro, identificou, segundo relato de professores, sinais de sofrimento que foram referidos como uma sensação genérica de mal-estar, envolvendo problemas de saúde relativos à: ansiedade, tensão, nervosismo, depressão, angústia, insegurança, esgotamento, estresse e irritabilidade.

Polato (2008), revela que pesquisa realizada pelo Ibope em 2007, com 500 professores de redes públicas das capitais, mais da metade dos entrevistados sofriam de estresse. O artigo diz ainda que no estado de São Paulo, a maior rede do país com 250.000 professores, são registradas por dia 32 faltas. Só em 2006 foram quase 140.000 licenças médicas, com duração média de 33 dias.

Estudos realizados em Belo Horizonte/MG por Gasparini; Barretos; Assunção (2005) buscando apresentar o perfil dos afastamentos do trabalho por motivos de saúde de uma população de educadores da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/MG, no período de 2001 a 2003, possibilitaram concluir que o maior índice diagnosticado entre a amostra refere-se a problemas psíquicos.

Através das recentes pesquisas sobre o mal estar docente, é possível perceber, a diversidade de ações do cotidiano escolar, ou seja, vários fatores internos e externos delineiam a carreira do educador. Na contemporaneidade o papel do professor vai além da mediação do processo de ensino/aprendizagem do aluno. Ampliou-se a missão do professor para além da sala de aula, buscando garantir articulação com a comunidade. A concepção de escola como um espaço aberto, possibilita uma forte presença da comunidade, levando os professores a terem que redefinir o sentido social da profissão.

Segundo Nóvoa (2002) “os professores têm de ser formados, não apenas para uma relação pedagógica com os alunos, mas também para uma relação social com as comunidades locais” (p. 24).

São atribuídos aos professores, cada vez mais, tarefas complexas, o que significa uma dedicação cada vez mais extensa.

O novo espaço público da educação chama os professores a uma intervenção técnica, mas também a uma intervenção política, a uma participação nos debates sociais e culturais, a um trabalho continuado junto das comunidades locais [...] Num certo sentido, é a própria concepção de trabalho pedagógico, tal como se desenvolveu nas escolas durante o último século, que se encontra posta em causa. Estamos perante uma transição fundamental nos processos identitários dos professores. (NÓVOA, 2002, p. 24)

Todas as pesquisas referenciadas neste capítulo apontam para um comprometimento da saúde do professor em função do exercício de sua profissão, a situação é percebida em diversos lugares, em diferentes redes de ensino, por todo o País.

Entre os docentes da Rede Municipal de Vespasiano\MG, população alvo deste estudo, é perceptível uma tensão emocional e uma inquietação no sentido de um progressivo estado de mal estar docente, sendo assim, tais inquietações merecem um estudo mais aprofundado, buscando definir o que não vai bem e o porque.

3 METODOLOGIA

Registrou-se nas últimas décadas uma explosão de trabalhos de abordagem qualitativa. As mudanças relativas às abordagens metodológicas em educação estão relacionadas às transformações sociais e suas demandas e à incorporação de novas perspectivas teóricas, assim como ao interesse por temas e questões antes obscurecidas ou secundarizadas. No campo educacional, a ênfase se volta para a observação dos sujeitos em suas interações no contexto escolar. (ZAGO; CARVALHO, 2003).

Os procedimentos qualitativos têm sido utilizados quando o objetivo do investigador é verificar como as pessoas avaliam uma experiência, idéia ou evento; como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a determinados fenômenos.

A abordagem qualitativa para tratar as questões da educação consolidou-se nos anos de 1970. Devido às revelações e denúncias resultantes dos grandes levantamentos sobre o funcionamento das escolas e devido às críticas constantes das teorias da reprodução, muitos pesquisadores foram despertados por novas tendências epistemológicas e outros olhares sobre as questões educacionais. Em consequência dessas mudanças, registrou-se também o deslocamento de parâmetros para a pesquisa, os métodos da pesquisa quantitativa pareceram inadequados para elucidar as relações de controle e de poder envolvidas nas práticas escolares, na ação dos professores, nos currículos e nos conteúdos disciplinares. (SANTOS FILHO, 2003)

Para buscar uma compreensão mais próxima das questões educacionais, o presente estudo contempla uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.

O interesse é identificar os agentes relacionados ao trabalho que contribuem para o surgimento do "mal estar" docente. A ênfase está na construção do processo de sofrimento e adoecimento dos professores.

O "mal estar pedagógico" é um fenômeno que tem acometido atualmente um número expressivo de professores. Objetivou-se, com esta pesquisa, compreender, sob a perspectiva do professor, a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Vespasiano/MG.

Esta pesquisa de natureza qualitativa descreve os dados, levando em consideração o contexto em que os professores estão inseridos.

A postura qualitativa, requer o questionamento dos sujeitos sobre o que experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem.

3.1 Procedimentos

Para obter dados sobre os afastamentos dos professores da rede Municipal de Educação do Município de Vespasiano, campo da investigação, foi realizada uma pesquisa nos arquivos do Departamento de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de levantar índices de atestados médicos durante o período de 2006 a 2008. Para verificar a incidência dos afastamentos neste mesmo período e a predominância das patologias entre a categoria, foram feitas consultas aos arquivos da Secretaria Municipal de Saúde, utilizando-se como material de apoio o CID (Código Internacional de Doenças). Os dados coletados nesta pesquisa, além de trazerem uma visão geral dos afastamentos dos professores nesta rede de ensino, serviram como orientadores para a seleção da população envolvida no estudo e a organização dos professores em grupos utilizando a técnica do Grupo focal.

3.2 Caracterização do local e dos ambientes de investigação

O campo de pesquisa foi a Secretaria Municipal de Educação de Vespasiano/MG e suas escolas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental bem como a Secretaria Municipal de Saúde deste município.

O Município de Vespasiano está localizado em sua maior parte no Domínio do Complexo de Belo Horizonte a 20 km da capital. De acordo com o IBGE, o Município de Vespasiano faz parte da AMBEL (Associação dos Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte). Sua emancipação se deu em 27/12/1948. Vespasiano detém uma área de 70,3 km², sua população estimada em 2005 foi de 94.234 habitantes. Sua densidade populacional estava na casa 1.085,7 h/km². (FUNDAÇÃO IBI TECNOLOGIA ALTERNATIVA, 2005)

Em relação ao sistema educacional do município, registram-se alguns fatos que marcaram historicamente sua evolução. Em 1999, o sistema educacional sofreu uma redução de 35% do número de turmas, devido ao resultado dos programas de aceleração de estudos do

Governo Estadual, tais como “Projeto Acertando o Passo” e “A Caminho da Cidadania”, que regularizaram a situação de alunos fora da faixa etária de escolaridade, mas que também atenderam boa parte de alunos das faixas regulares.

Com o término dos projetos de aceleração dos estudos a partir de 2000, o número de turmas volta a crescer de forma regular, sendo oferecidas mais turmas de ensino infantil e fundamental.

Fazendo um balanço da demanda do ensino infantil e fundamental, durante o período de 1997 a 2005, a oferta de matrículas cresceu paulatinamente. Os dados revelados pelo censo escolar evidenciam a preocupação recente do município em universalizar a educação atendendo as demandas sociais, inclusive a educação especial e a educação de jovens e adultos. (MEC/Inep, 2005).

Apesar da preocupação com a universalização do ensino, ainda há necessidade de repensar o número de alunos por sala de aula, principalmente nos cinco primeiros anos do ensino fundamental. O rápido crescimento populacional do município o obriga a atender à demanda, porém não houve crescimento substantivo no número de salas de aula, de modo a melhorar o binômio: sala de aula / alunos por turma.

Dados da Fundação João Pinheiro (2005) indicam preocupação com as políticas educacionais em voga. Registram-se quadros decrescentes de investimentos per capita em Vespasiano/MG e há grande probabilidade de queda na qualidade de ensino, devido à baixa estima dos profissionais e dos alunos atendidos. A partir de 2002 percebe-se certa estabilização no percentual de atendimento aos alunos.

Apesar dos avanços estruturais que aconteceram ao longo dos anos, como por exemplo as quadras esportivas, ainda é preciso investir em laboratórios, bibliotecas escolares, recuperar os índices per capita de investimentos em educação e com os programas educacionais, espaços estes, importantes que a educação vem perdendo no município.

Atualmente compõem o Sistema de Ensino Municipal de Vespasiano 22 escolas e seis creches, totalizando 15.679 alunos atendidos por este sistema. Apenas quatro escolas municipais e duas creches localizam-se na região central do município, as demais estão distribuídas nas regiões periféricas da cidade, onde se registra um alto índice de violência. A tabela a seguir, apresenta as modalidades de ensino oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação.

TABELA 1 -Dados Gerais de turmas e alunos da Rede Municipal de Educação – 2008

| Modalidade de Ensino | Nível | Nº de turma | Nº de alunos |
|------------------------------|-----------------------------------|-------------|--------------|
| Educação Infantil | x | x | x |
| Alunos de 04 a 05 anos | creches | 10 | 160 |
| x | Pré-escola | 61 | 1491 |
| TOTAL | x | 71 | 1651 |
| Ensino Fundamental. | x | x | x |
| Ciclo de Alfabetização | F. Introdutória | 57 | 1623 |
| x | Fase I | 66 | 1956 |
| x | Fase II | 74 | 2254 |
| TOTAL | x | 197 | 5833 |
| Série | 3ª | 68 | 2085 |
| Série | 4ª. | 65 | 1982 |
| Série | 5ª. | 31 | 991 |
| Série | 6ª. | 20 | 663 |
| Série | 7ª. | 16 | 522 |
| Série | 8ª. | 12 | 413 |
| TOTAL | x | 212 | 6868 |
| Educação Especial | x | x | x |
| Alfabetização e Séries | Ciclo de alfabetização a 4ª série | 24 | 230 |
| TOTAL | x | 24 | 230 |
| Educação de Jovens e Adultos | x | x | x |
| 1º. Segmento | 1ª. a 4ª. | 19 | 560 |
| 2º. Segmento | 5ª. a 8ª. | 21 | 732 |
| EJA - Especial | 1ª. a 4ª. | 4 | 60 |
| TOTAL | x | 44 | 1352 |
| TOTAL GERAL | x | 548 | 15934 |

Fonte: Secretaria Municipal de Educação - Vespasiano-MG

Cada escola e cada creche que integram a rede municipal de educação contam com o apoio técnico de um diretor, um supervisor a cada 10 turmas, monitoras, ajudantes de serviços gerais e secretária. A Secretaria Municipal de Educação disponibiliza, por escola, duas professoras recuperadoras, uma por turno, para atender aos alunos que possuem defasagem de aprendizagem. Para dar suporte às escolas do município, além da Secretária Municipal de Educação existem cinco coordenadoras de área que orientam as supervisoras das escolas agrupadas nas cinco modalidades de ensino: creche e pré-escolas, ciclo de alfabetização, 4ª e 5ª ano de escolaridade, 6ª ao 9ª ano de escolaridade e Educação de Jovens e Adultos.

O quadro de funcionários da Rede Municipal de Educação da cidade de Vespasiano, atualmente conta com 760 professores, sendo que, 650 são professores PI⁶e 117 são professores PII.

A população estudada foi composta de professores efetivos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental que estão distribuídos aleatoriamente nas escolas do município e que aderiram voluntariamente ao estudo através de uma carta convite (apêndice A).

Esses professores somando um total de 15, possuem algumas características que os aproximam: todas são do sexo feminino, estão na faixa etária de 33 a 48 anos e têm de 13 a 25 anos de profissão. Do grupo estudado 03 professoras são solteiras, 12 são casadas e possuem de 01 a 03 filhos. Quanto ao grau de escolaridade apenas 02 possuem somente o curso técnico de magistério que corresponde ao Ensino Médio, as demais possuem curso Superior completo assim distribuídos: 09 com o curso Normal Superior, 01 com o Curso de Pedagogia, 01 com o Curso de Letras, 01 com o Curso de Matemática e 01 com o Curso de Biblioteconomia.

3.3 Grupos Focais

Objetivando a obtenção de informações acerca de crenças e percepções dos sujeitos, em relação aos riscos da profissão docente optou-se pela técnica do grupo focal, tendo em vista que a técnica contém procedimentos que visam à compreensão das experiências do grupo participante, enfatizando os problemas do ponto de vista dos grupos populacionais, assim como o conhecimento das aspirações da categoria expressos por ela própria.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. (VEIGA & GONDIM, 2001).

No desenvolvimento da técnica é fundamental que o moderador seja empático e se coloque no lugar do participante compreendendo o seu ponto de vista. A atenção constante do moderador favorece as intervenções pontuais no processo de discussão. O domínio do tema é essencial para permitir um acompanhamento cuidadoso das trocas verbais. A autodisciplina é

⁶ Professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental (1º. ao 5º.ano de escolaridade)

importante para que o moderador se contenha quanto a evidências de sua concordância ou discordância em relação aos pontos de vista tratados no grupo e para que se contenha a não participar da discussão. A agilidade nos *feedbacks* é um requisito valioso para que o moderador avalie o sentido de suas interpretações acerca do discurso dos participantes.

Esta técnica tem sido utilizada internacionalmente para a estruturação de ações diagnósticas e levantamento de problemas. Iniciando-se na década de 20, a técnica foi utilizada pelos cientistas sociais com diversas finalidades dentre elas o desenvolvimento de questionários de pesquisa de opinião pública, enquetes do tipo IBOPE. Na década de 70 os grupos focais foram utilizados, principalmente por pesquisadores da área de marketing. Dos anos 80 até os dias atuais, os grupos focais têm sido largamente utilizados por vários profissionais no desenvolvimento de pesquisas em saúde, educação, implementação e avaliação de programas, dentre outras aplicações.

Foram formados três grupos focais, dois grupos foram compostos por 6 pessoas e 01 grupo por 03. Os participantes foram selecionados seguindo as seguintes variáveis de inclusão:

- Docentes do quadro efetivo da Rede Municipal de Educação do Município de Vespasiano;
- Docentes que atuam do 1º. ao 5º. Ano do Ensino Fundamental;
- Docentes que não possuem nenhum atestado durante o período que compreende entre 2006 a 2008;
- Docentes que estão desviados ou em ajustamento funcional;
- Docentes que apresentaram mais de 45 dias de atestado no período que compreende entre 2006 a 2008.
- Docentes que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa através de uma carta convite (Apêndice A).

A formação de um grupo apenas com três elementos se deve a algumas variáveis de exclusão: o docente não aceitou o convite para participar e outros docentes convidados estavam no momento de licença médica com a saúde debilitada impossibilitados de participar. A duração aproximada de cada sessão foi de uma hora. O número de indivíduos do grupo foi suficiente para que todos participassem, compartilhando suas percepções, fornecendo uma diversidade de opiniões até esgotar as questões relativas a cada tópico, que foram apresentados através de cartazes (Apêndice B).

A reunião de cada um dos três grupos focais aconteceu em uma sala cedida pela Secretaria Municipal de Educação, que dispunha de um sistema de gravação em áudio, assim como uma mesa retangular com oito cadeiras distribuídas ao seu redor, bandejas de biscoitos, cafés e água, armário contendo caneta pilot, papel ofício e um cavalete com folhas de flip chart. A escolha do local se deu pela facilidade de acesso do grupo participante e pela ausência de barulhos externos que dificultassem o desenvolvimento da discussão.

Para a condução dos grupos focais foi estruturado um roteiro de cinco questões principais, apresentados através de cartazes, subdividido em itens (Apêndice B) no intuito de facilitar a dinâmica grupal, permitir um aprofundamento progressivo da discussão e fornecer dados significativos para análise dos indicadores associados ao trabalho que podem provocar o mal estar docente.

Antes de iniciar a discussão em cada grupo, a moderadora agradeceu as pessoas por terem aceitado o convite e fez uma breve explanação sobre o seu interesse pelo assunto. Em seguida, os participantes preencheram e assinaram um termo de consentimento de participação no estudo (Apêndice C) e uma ficha de identificação (Apêndice D). Foram combinadas algumas regras de funcionamento: somente uma pessoa deve falar de cada vez; conversas paralelas devem ser evitadas; ninguém deve monopolizar a discussão; todos têm o direito de falar o que pensam sendo-lhes assegurado o sigilo da identidade pela moderadora; o papel da moderadora é apenas introduzir novos temas ou perguntas e facilitar a discussão. Os participantes também receberam um crachá para identificá-los no grupo.

Em um dos cantos da sala estava uma observadora que foi apresentada ao grupo, cuja função era de registrar expressões, sentimentos e emoções que não são possíveis captar apenas pelo áudio e ainda chamar a atenção quanto ao tempo previsto para a discussão de cada cartaz.

Alguns cuidados foram objeto de atenção na condução dos grupos focais: procurar deixar o grupo à vontade para expressar suas opiniões; reafirmar, quando necessário, as regras de funcionamento dos grupos, explorar ao máximo os tópicos apresentados, evitar discussões que distanciavam o grupo dos seus objetivos.

Além de ocupar-se com a organização dos grupos focais, roteiro, composição, local de realização, condução da discussão no papel de moderador, o pesquisador comprometeu-se com uma postura ética na condução dos trabalhos zelando pela preservação da privacidade dos membros dos grupos, evitando que os participantes se expusessem demais. Em se tratando dos grupos focais aqui descritos, o cuidado foi de assegurar que a expressão de

sentimentos pessoais ou comuns a todo grupo não provocasse constrangimentos a qualquer uma das participantes. As reuniões aconteceram em um clima de cumplicidade.

A partir da transcrição das fitas de áudio, foi feita uma análise de conteúdo. As transcrições foram realizadas por reunião. Usou-se na transcrição fonte de cores diferenciadas para separar as falas. A partir das transcrições, procurou-se registrar reações, emoções, alteração de vozes e comportamentos evidenciados pelos participantes. Elaborou-se um quadro síntese dos temas centrais de cada grupo, tomando como base os tópicos do roteiro que nortearam a discussão.

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, não havendo tratamento estatístico envolvido. Os procedimentos utilizados visaram organizar os dados de modo que eles revelassem como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo, objetivando evidenciar relações entre determinadas características ou fatores envolvidos. O importante aqui é o significado de uma informação para a situação avaliada e não a quantidade de informantes que repetem essa mesma informação ou o número de vezes em que ela aparece.

4 ANÁLISE DE DADOS

Compreender, sob a perspectiva do professor a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental da Rede Municipal de Vespasiano/MG, identificando os agentes associados ao trabalho que contribuem para a produção de sofrimento e adoecimento foi o objetivo desta pesquisa.

Os professores trabalham em um mundo em mudanças. Novos desafios são propostos face à rapidez das novas demandas sociais. As transformações sociais que estamos a presenciar neste novo milênio exercem grandes influências no fazer pedagógico e nas relações de trabalho. A diversidade de fazeres atribuído ao professor foge do seu domínio teórico e prático. As relações interpessoais estão cada vez mais caracterizadas por subjetividades, pelo individualismo e pelos próprios interesses. O professor se vê na constante luta para resgatar a sua identidade perdida proveniente da sua desvalorização. “Os desafios e as mudanças que os professores e as escolas enfrentam não se confinam paroquialmente à educação, enraizando-se antes numa importante transição sócio-histórica de um período de modernidade para outro de pós-modernidade”. (HARGREAVES, 1998, p. 27).

Os resultados apontam para uma crescente desvalorização profissional da categoria. No presente texto serão apresentados de acordo com a população investigada, este e outros agentes associados ao trabalho que provocam um grande mal estar que vêm desencadeando; aos poucos, um cenário de adoecimento.

4.1 Desvalorização Profissional

Os professores que participaram dos grupos focais afirmam que um dos fatores que contribuem para a desvalorização do professor está na questão salarial.

Em um seminário realizado pelo Conselho Federal de Educação segundo Meskier (1992), a questão salarial é apontada como primordial para a valorização deste profissional e a reversão deste quadro de baixos salários, se fazia, já naquele momento, urgente. O debate naquele seminário apontava para o fato de que, se os professores não tivessem as condições salariais melhoradas urgentemente, não restaria nem mesmo modelos de professores para um futuro breve.

Esta questão é reafirmada pelos professores que participaram dos grupos focais:

Eu acho que a nossa profissão é muito pouco reconhecida financeiramente pelo investimento que a gente tem, pela base que a gente é para as outras profissões, porque todas as outras passam por nós. (grupo focal 01)

(...) Bom à financeira (...) acho que todas nós sentimos, assim...como é que eu vou dizer...eu me sinto explorada. (grupo focal 02)

Acho que a questão financeira é até irrelevante o que a gente ganha é ajuda de custo não é? (grupo focal 03)

Segundo Codo (1999) a pior organização para um trabalhador escolher é aquela em que se oferecem salários muito baixos, ou seja, que remunera mal a sua força de trabalho.

Nos encontros dos grupos focais ficou evidenciado na fala das professoras que a desvalorização financeira causa desmotivação, provocando o desejo de abandonar a profissão.

...Eu chegava em casa e reclamava. Ah...muda de profissão e largue a escola. O que você adquiriu com o salário? ...”Aí a gente fica pensando, só que são 17 anos que eu tenho de profissão. Para jogar isso fora e partir para outra função é complicado.” (grupo focal 03)

Os baixos salários diminuem as perspectivas dos professores, não lhes possibilitando vislumbrar um futuro melhor, onde possam adquirir bens materiais mínimos para uma vida mais confortável.

...eu não consigo ter um pensamento assim daqui a dois anos eu vou comprar um carro, eu não tenho essa perspectiva....com o que eu ganho...eu não posso. Se a professora tem alguma coisa, pode saber que ela casou bem. (grupo focal 02)

A má remuneração do professor o desvaloriza frente à sociedade. Freitag (1987) afirma que uma das soluções possíveis para que o professor retome a sua importância e possa ser reconhecido é valorizar a sua figura e seu trabalho a partir de melhores salários.

A mãe que recebi fez questão de falar: o professor fica agüentando quatro horas, quatro horas e meia o aluno, com sua rebeldia, para ganhar uma “merreca”. (grupo focal 1)

Ser professor já não representa ascensão social. Nem alunos nem a sociedade consideram mais importante essa profissão. A educação é sempre usada como assunto prioritário nas agendas de governantes que atribuem papel relevante à educação, mas esse reconhecimento não se estende à categoria. “Ser professor”, hoje em dia deixou de ser compensador, pois além dos salários nada atrativos, perdeu-se também o respeito pela figura do professor, que acompanhava a função há poucas décadas passadas.

Para Esteve (1999) a sociedade e a administração do ensino acusam os professores de constituir obstáculo ante qualquer tentativa de renovação. Os professores acusam a sociedade e os gestores do ensino de promover reformas burocráticas. Criticado e questionado, o professor viu diminuir seu valor social.

Na discussão, as professoras mostraram-se decepcionadas e deixam evidências do incômodo proveniente desta situação.

Em 98 quando a gente ia para a escola – a professora estava ali de salto, uma pastinha branca cheia de papel, não sei se por medo ou por respeito a chamava de dona. Aí houve a mudança para tia, foi a pior coisa que aconteceu porque a professora virou realmente a tia, a mãe, o pai... (grupo focal 03)

Eu acho assim antes era muito importante ser professor...assim sabe era chique ser professor, hoje em dia você fala que é professora, todo mundo debocha. (grupo focal 1)

Antigamente pelo que a minha mãe fala não é, não era qualquer um que podia ser professor não e hoje em dia a última coisa que eu iria escolher é ser professora. (grupo focal 1)

“Se até então os trabalhadores da educação consideravam-se diferenciados na medida em que representavam a parte beneficiada da divisão social do trabalho intelectual e manual, doravante esse privilégio tende a ser reduzido a quase nada”. (Sá 1986, p. 28 apud. Moreira, 1997).

Um pedreiro ganha mais que uma professora...não desmerecendo o trabalho dele, é um trabalho pesado, só que o nosso desgaste é maior. (grupo focal 2)

Intensificando a desvalorização social se encontra neste cenário a perda da autoridade do docente, em relação aos seus alunos e seus familiares.

As professoras que participaram dos grupos mostraram-se perplexas e angustiadas em relação aos conflitos com os discentes. Uma grande sensação de impotência se instala junto à categoria.

A percepção que se tem é que entre os grupos existe um impasse entre o mestre autoritário, ou seja, aquele que impõe a qualquer custo um comportamento desejável, e o mestre que possui autoridade. Porém boa parte da discussão transcorreu em torno daquele educador que busca o caminho do respeito, do poder consentido, do poder legitimado pela sociedade e não sabe como adquiri-lo.

Eu acho que nesta busca de estar inovando, são teorias novas, a gente vai pegando, pegando tudo aí nós nos perdemos, e é aí que nós pecamos. O aluno tem que falar, questionar, pensar, tudo bem...mas ele tem que respeitar. Acho que foi nessas questões, esse conhecimento louco que a

gente vai querendo pegar tudo pra gente – não seleciona – o que vai ficar e o que realmente tem que sair mudando. (grupo focal 03)

Eu acho que hoje uma das coisas que está causando este mal estar docente é a relação com os alunos e os familiares dos alunos, porque os alunos hoje, tem uma boa parte que estão bem agressivos, mesmo dentro de sala de aula. (grupo focal 1)

Em se tratando de indisciplina, os grupos a associaram a problemas diversos em sua maioria enraizados nas próprias mudanças do contexto social, como um todo. Os meios de comunicação, o ambiente familiar, a violência social são influências hoje muito mais fortes que a própria escola.

São várias situações às vezes uma pessoa só, o abuso também da criança, a pedofilia. Elas estão vendo, estão ouvindo falar. Às vezes você quer fazer um carinho na criança, a gente está vendo muita coisa, a criança também está vendo. A gente pensa duas vezes antes de abraçar uma criança, “tem medo” é muita coisa, computador, a mídia, então é muito complicado. (grupo focal 02)

As professoras também se culpam pelas suas próprias posturas, que foram ficando para trás e com isso sofrem hoje, como consequência, a perda da autoridade.

O mesmo professor que hoje clama por sua autoridade, outrora transferiu essa mesma autoridade para outros agentes educacionais.

Então você quer chamar a atenção eu vou te mandar para a supervisão...mandar para a direção - você agora é a pessoa que leva o menino para a autoridade. Nós perdemos muito, culpa nossa também, nós abrimos muito. (grupo focal 03)

Mas eu acho que doença também é a impotência que a gente tem de se chegar ao limite. Por que o que você vai fazer depois daquilo? Você vai matar o menino, a gente não tem condições de fazer mais nada, você chama o pai, não resolveu, chama a mãe não resolveu, acabou – você não tem mais para onde ir. (grupo focal 01)

As falas em relação às famílias estão centradas na falta de compromisso das mesmas, no que se refere, ao seu papel de fazer a iniciação da socialização da criança, colocando limites e desenvolvendo hábitos básicos.

Na percepção das professoras investigadas, as famílias estão adquirindo um novo modelo estrutural e com hierarquia de valores invertida em relação à instituição escolar.

Na verdade a família perdeu o foco, qual é o papel da família, qual é o papel da escola, qual é o papel do professor. (grupo focal 01)

Perdeu um pouquinho o valor da mãe para a criança e o valor da criança para a mãe. (grupo focal 02)

Nas discussões dos grupos, constata-se que, às vezes, o professor reconhece também que, em alguns casos, a família se torna vítima do mesmo mecanismo de mudanças políticas e sociais.

Você vê agressão para tudo o que é lado e essa criança leva essa agressão para dentro da escola. (grupo focal 02)

Saudosistas, as professoras fazem referência, como algo já bem distante, à motivação extrínseca em que os alunos tinham de “ser alguém na vida” através da instituição escolar.

A falta de interesse dos alunos e a falta de perspectivas em relação ao que a escola pode oferecer para a sua ascensão social são evidenciadas nas ações cotidianas dos alunos.

Vai afunilando, no ensino médio, os meninos vão saindo, mesmo quem conseguiu, quem está lá tem interesse zero. Nós fizemos uma entrevista com eles agora no dia do trabalho. Qual era a pretensão deles – profissional, eles falavam ah.não sei...uns respondiam qualquer coisa. Alunos do ensino médio já vêm à escola sem pretensão nenhuma, é realmente está muito complicado. (grupo focal 01)

Sem contar os programas do governo que favorecem a presença do aluno na escola, aí ele não falta. Mas ele não falta não é porque a aula é importante, é porque a mãe precisa da bolsa escola. (grupo focal 01)

A sensação de abandono toma conta desses profissionais. Eles não reconhecem na família, no aluno, na equipe de liderança e nem tão pouco na própria legislação e nas diretrizes educacionais deste país uma base de apoio e sustentação para o seu trabalho.

Há poucos anos atrás, os pais empenhavam-se para ensinar a seus filhos o sentido do respeito, a cortesia e a disciplina, não permitiam aos seus filhos o menor enfrentamento com o professor. No momento atual, os professores reclamam que os pais não se preocupam em ensinar valores mínimos aos seus filhos, acreditando muitas vezes que essa, é uma obrigação dos professores, colocando-se ao lado da criança. Na pior das hipóteses, se o filho é um mal-educado a culpa é do professor que não soube educá-lo. (Amiel et al., 1970)

Hoje em dia a mãe a família ela não aparece para te elogiar, nem para te agradecer não é? Chega a um ponto, quando ela aparece na porta da sua sala – a gente pensa, meu Deus o que será que aconteceu? Será que aconteceu alguma coisa com a filha dela? Qual o problema? Nós estamos com medo dos pais. Você não sabe o que ele vai fazer com você. (grupo focal 02)

Joga para a escola e a escola em si, também acaba passando esse problema é para a professora – ela vai se virar com este aluno na sala de aula querendo ou não. (grupo focal 01)

As professoras se mostram preocupadas quando têm que administrar situações muito adversas dentre elas, alguns casos isolados, que vêm se tornando cada vez mais frequentes em

escolas de periferia, são os atos infracionários. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1991) “Art. 103, considera ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”, sendo assim, toda infração prevista no código penal, quando praticada por uma criança ou adolescente corresponde a um ato infracional.

Eu acho assim que com o advento deste “tal de Estatuto da Criança e do Adolescente”, lamento falar isto, mas ele veio para piorar a situação, hoje os educandos podem tudo, e nós professores não podemos nada, nós educadores temos que dar todos os direitos a eles Então, desde pequenininho, a gente percebe a agressividade deles – ao atender um pedido da gente, ao atender uma solicitação – porque se abriu um grande leque de oportunidades para eles, faltou mostrar para eles os deveres. Muitos direitos e nada de deveres, então é por isso que a Nação esta ficando terrível (...) não é só dentro da sala de aula eles estão afrontando até o diretor, eu acho assim foi uma lástima, esse Estatuto, se ele foi bem intencionado, o enfoque dele, a prática não foi boa. (grupo focal 03).

O Estatuto da Criança e Adolescente na opinião do grupo pesquisado é uma lei que provoca impacto negativo, dando ênfase aos direitos das crianças e adolescentes e deixam de lado os deveres. Dos direitos os alunos e a sociedade têm conhecimento. O que ficou a desejar foi lembrar aos alunos e à sociedade como um todo, que a primeira finalidade do Estatuto da Criança e do Adolescente é a preparação do indivíduo para o exercício da cidadania. Para ser cidadão, são necessários o respeito pelo espaço público, pelas relações interpessoais, conhecimentos sólidos, enfim, um conjunto mínimo de normas e atitudes éticas.

Todo direito é do aluno. Ele tem o direito de estudar. Independente de qualquer coisa, o direito é dele de estudar, mas o dever dele também deveria ser estudar. (grupo focal 01)

Nas palavras de Vila (1988a, p.145) “as relações com os alunos representam um dos aspectos da profissão que maior satisfação podem trazer aos professores. Entretanto constituem, ao mesmo tempo, uma das maiores fontes potenciais de mal-estar”.

O aluno lá da escola ameaçou com faca uma professora. Deu problema uns quatro anos, acho que ele ficou uns sete anos na escola, todo ano ele dava problema e todo ano a escola o defendia. Não pôde ficar no mesmo ambiente as duas pessoas. Quem saiu da escola? A professora, ela saiu e ele continuou na escola. (grupo focal 02)

De acordo com Souza (2003), até os anos 60, a maior parte dos trabalhadores do ensino gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de certo prestígio social. Já a partir dos anos de 70, a expansão das demandas da população por proteção social provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, entre eles a educação. O professor passou a se ver envolvido em um emaranhado de demandas, inclusive a falta de segurança em seu próprio local de trabalho e tendo que conviver no seu dia a dia com a violência.

A gente tem que tolerar. Os alunos vão para a escola drogados, já estão inseridos no mundo do crime. Isso cria certo constrangimento. O que você vai falar com aquele aluno? Às vezes, o tipo de coisa que você tem que ouvir e, de repente, calar a boca. Você não sabe se for tomar uma postura, o que pode acontecer com você. Não é? Então eu acho que o trabalho na escola (...) você está se sentido como em uma penitenciária, você não sabe que tipo de coisa você pode dar (...) isso de certa forma interfere na saúde da gente, no emocional, você trabalha naquela tensão toda, ainda mais a gente que está em bairro de periferia, você sabe que tem uma boca de fumo ali, ainda mais eu que moro no bairro, eu sei o que acontece ali. Porque se matar um traficante em um dia anterior, você vai para a escola e sabe que está correndo certo risco, de repente tem uma troca de tiros. Você não sabe o que pode acontecer (...) então eu acho (...) é uma série de fatores mesmo. (grupo focal 03)

De acordo com Neves (1999), a falta de reconhecimento social constitui-se em fio condutor para entendermos a maneira pela qual as professoras se localizam profissionalmente, bem como se relacionam com sua saúde mental, no quadro de caos do sistema educacional. O julgamento negativo por parte da sociedade e dos pais de alunos em particular – responsabilizando os professores pelo fracasso da escola pública – incomoda-as profundamente. As professoras se ressentem coletivamente por não ter seu trabalho reconhecido e valorizado.

4.2 Identidade Profissional

“Sim sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo”...
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou...
“Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma...”
Fernando Pessoa

Através da investigação realizada é perceptível que os professores se vêm pressionados a redefinirem seus papéis e identidades considerando as novas demandas da contemporaneidade.

Segundo Silva (2003) a identidade não existe naturalmente, é constituída pelo próprio grupo e pelos outros grupos.

Os professores percebem os conflitos de identidade pelos quais atravessam no momento atual e vislumbram uma necessidade eminente de um “novo fazer”, ou seja, “um novo jeito de ser professor”.

Às vezes você não tem experiência para lidar com aquele aluno, a gente hoje tem que ser psicóloga, a gente não tem esse curso, então quer dizer você não é médica, mais tem que olhar se o menino está com febre (...) então quase não dá aula. O que você menos faz é dar aulas. (grupo focal 01)

Vai fazer cinco anos que eu estou fora da sala de aula é um ajuste definitivo e isso me causou muito mal estar, eu fiz a opção de ser professora, eu não fui, em momento algum, induzida a fazer este tipo de trabalho, então, isso ainda me causa um certo mal estar, embora eu não me sinta inútil dentro da escola, muito pelo contrário, trabalho muito, só que o que eu sinto é que eu não tenho uma identidade dentro da escola, às vezes, as pessoas esquecem, o que você está ali para fazer, às vezes as pessoas me pedem para fazer coisas que eu não estou apta a fazer. (grupo focal 03)

Requerem muita da gente, a gente faz o papel de psicólogo, muitas vezes à gente faz várias outras funções. (Grupo focal 01)

Gomes (2008) sugere que devemos considerar que a formação de professor, conseqüentemente a construção de sua identidade profissional, resulta de um processo de construção de múltiplas identidades que repercutem direto e significativamente no fazer docente.

Pretto (2000) afirma que estamos vivendo num mundo onde a multiplicidade de pontos de vista e de concepções aparece em oposição à idéia de extremos fixos que se opõem, não existindo, portanto, mais lugar para a idéia de polaridades. Existe aí um ponto de instabilidade conflituoso para as professoras porque a sua identidade foi construída em torno da posição de quem fala a verdade, de quem detém o conhecimento verdadeiro.

Vivemos um momento histórico de profundas transformações em todas as áreas do conhecimento, da cultura e da vida social. “As tecnologias, a relação homem-máquina também impregnada de dimensões políticas e sociais, fazem com que o elemento característico mais importante do momento contemporâneo seja a sua não completude”. (PRETTO, 2006). Não estamos acostumados a lidar com instabilidades. A instabilidade como alicerce do trabalho pedagógico, gera sem dúvida, um conjunto de mal estares. Aos professores são atribuídas tarefas e funções antes não pensadas. As tecnologias ligadas à informação e à comunicação, estão presentes em todos os cantos do planeta.

A crise da identidade profissional se estabelece, também, entre o velho e o novo. O professor muitas vezes têm a consciência que o momento requer também uma mudança de postura, mas ele não encontra as condições necessárias para efetuar tais mudanças. Os seus saberes não são suficientes, as políticas educacionais não favorecem e nem as próprias condições físicas das instituições escolares. A sensação que se tem é de estarmos sendo colonizados, mas sem saber precisamente por quem; o inimigo não é facilmente identificável” (Augé, 1998, p. 14).

Apesar das variáveis que dificultam a mudança os professores carregam a carga negativa da culpa, alimentando um sentimento de mal estar.

Eu acho que quanto às práticas pedagógicas a gente é chamado para capacitação e fica assim, ai que chato, não vai dar nada de novo (...) a capacitação é em conteúdo, não é isso que a gente está precisando, a gente está precisando de tantas outras coisas por exemplo, como lidar com esse aluno. (grupo focal 01)

Para Nóvoa (1995, p. 28) “não basta mudar o profissional; é preciso mudar, também os contextos em que ele intervém (...) As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham”.

O mundo mudou não é? Tudo mudou: a tecnologia é um monte de coisas novas e a escola ainda continua com o giz e o quadro. E a clientela também mudou. Eu não me esqueço de um menino que eu dava aula particular para ele ensinando ele a ler e escrever. Um dia eu acabei de dar o reforço para ele e ele falou assim: - pronto acabou? Eu falei: pronto acabou. Ele desceu da cadeira e correndo foi para o computador ligou e catou as letrinhas, digitou o nome dele. Eu pensei assim, gente eu estou ultrapassada, ou fiquei boba (...) nós estamos ultrapassadíssimas (...) e a escola insiste nisso (...) o aluno mudou e a escola insiste em sentar um atrás do outro (...) insiste em ensinar de tal maneira que foi há muitos anos atrás, tanto é que tem gente que não muda o caderno de plano, porque serve (grupo focal 02)

Entre os agentes das discussões é possível perceber que a categoria se encontra perdida não encontrando o caminho do “ser professor”. Quais seriam as características que lhes dão uma identidade? Pergunta difícil de responder nesses novos tempos, são muitos os desafios que ecoam no cotidiano escolar, impactando a prática dos fazeres da docência.

O professor se vê em meio a uma avalanche de mudanças, que extrapola sua formação inicial.

Eu acho que antes o professor dava aula, agora ele não dá aula, ele tem que dar educação, ele tem que dar disciplina, ele tem que ensinar valores. Eles não vêm com nada disso de dentro de casa, então você tem que dar tanta coisa para ele que você tem que enxugar o conteúdo...se não você não dá conta. (grupo focal 01)

Assim são teorias novas, isso não pode mais, isso está errado, aquilo está errado, assim que é certo. O que está acontecendo? À escola está assumindo papéis que não são dela e não está dando conta de nenhum. (grupo focal 03)

As mudanças estruturais que se referem ao currículo e ao tempo escolar causam também um grande desconforto, na forma como são implementadas. O professor se vê obrigado a cumprir papéis para os quais não estava preparado.

Ocorre que, na atual reformulação do ensino propostas que se baseiam na organização de um percurso contínuo em que os alunos não sejam

reprovados, mas possam prosseguir com acompanhamento adequado as suas diferentes necessidades supõem e exigem que o professor mude a organização temporal e a seqüência do que vai desenvolver com os alunos, que mantenha o ritmo de atividade e participação dos alunos mesmo sem a ameaça da reprovação, que consiga acompanhar grupos heterogêneos, oferecendo trabalho e atendimento diversificados para uma mesma turma de alunos. No entanto, o professor nunca aprendeu a trabalhar assim, não experimentou essa organização sequer como aluno, e tais práticas não têm lugar numa tradição de escola de massa, que se sustenta no atendimento indiferenciado e homogeneizador para dar conta de grupos numerosos e heterogêneos, distanciado do que faz legítimo na cultura da escola. (SAMPAIO & MARIM, 2004, p. 14)

Fazendo uso dos meios de comunicação de massa, as autoridades governamentais divulgam para a população a imagem de uma escola bem equipada, onde não faltam recursos materiais, livros didáticos e que melhores índices de desempenho estão sendo buscados, proveniente de investimentos altos dos cofres públicos. Então a culpa pelos baixos índices de desempenho no nosso país, recaem sempre nos professores.

Os mecanismos de controle das autoridades educacionais estão muito distantes do que ocorre no dia a dia das nossas escolas. A fala da professora a seguir retrata os conflitos que existem entre uma proposta curricular pautada na realidade do aluno e um currículo fechado que está sob avaliações externas.

O governo vem e te cobra, manda a prova Brasil, manda o SIMAVE⁶ e fala com você assim: eu não estou interessado se a sua turma é A ou B, se sabe ou não sabe, se tem currículo adaptado, se é turma projeto⁷ - eles têm que saber isso aqui. E aí o que você enxugou...enxugou...está tudo ali. Esta questão do currículo é muito complicada te decepciona demais. (Grupo focal 01)

A gente vai adaptando o currículo, enxugando, enxugando, enxugando, até não ficar nada. Aí manda esse menino para as séries finais do Ensino Fundamental. Por mais que você queira trabalhar assim, vamos adaptar, vamos adaptar, chega um momento que não tem como... (grupo focal 01)

Evidências desta investigação apontam para um mal estar da categoria relacionados à tentativa de redefinir os papéis identitários da profissão professor, na medida em que ele próprio se percebe fora do processo.

O discurso é muito bonito tudo é muito fácil, mas na hora como se diz do pega para capar na sala de aula a gente fica sozinha. Você fica de mãos atadas sem saber o que fazer, fiz pedagogia, estudei e não consigo estratégias. (grupo focal 01)

⁶ Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Básica

⁷ Política Pública do Estado de Minas Gerais para corrigir defasagem série/idade com currículo adaptado.

As antigas imagens dos professores foram sendo substituídas. O professor que era autoridade passa a ser o adversário do aluno, a escola segura, passa a ser a escola conflagrada. O extremismo destas “representações” impõe aos professores outros sentidos para os quais eles não se sentem preparados.

Para compreendermos a crise de identidade em que os professores se encontram no momento, seria necessário, aprofundar nos estudos sobre como as imagens deste profissional foram se constituindo ao longo de suas trajetórias. Essa crise de identidade insere-se em um contexto muito amplo, relacionando-se também, aos aspectos das mudanças que atingem o mundo do trabalho. Certamente essa questão mereceria outra pesquisa.

4.3 – O adoecimento

No Brasil, o Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, aprovou o Regulamento da Previdência Social e, em seu Anexo II, trata dos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais. O item XII da tabela de Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados com o Trabalho, Grupo V da Classificação Internacional das Doenças - CID-10⁸ cita a "Sensação de Estar Acabado" ("Síndrome de *Burnout*", "Síndrome do Esgotamento Profissional") como sinônimos do *burnout*, que, no CID-10, recebe o código Z73.0. (OIT, 2008)

O Ministério da Saúde do Brasil (2001) reconhece a "Síndrome do esgotamento profissional" como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho, que afeta prestadores de serviço direto aos usuários, como os profissionais da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários entre outros.

A TAB. (2) apresenta o quadro geral de frequência e licenças médicas dos professores efetivos que atuam nas séries iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Município de Vespasiano/MG, totalizando trezentos e trinta e dois professores.

⁸ O CID – Código Internacional de Doenças (CID 10). Trata-se de um manual muito utilizado pelos profissionais de saúde para manipulação de dados médicos, tais como prontuários, diagnósticos, procedimentos. Estes dados são sempre tratados em código, pois é vedado, pelo Código de Ética Médica, a divulgação do diagnóstico da doença do paciente sem seu expresso consentimento. O item XII, refere-se à Síndrome de Burnout, e a correspondente nomenclatura em português, Síndrome do Esgotamento Profissional, adotado pelo INSS.

Tabela 2: Afastamento de professores no período 2006-2008

| Nº de dias de afastamento com Atestado | Nº de Professores | % de Professores |
|---|--------------------------|-------------------------|
|---|--------------------------|-------------------------|

Fonte: Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação

No 57º Congresso Brasileiro de Enfermagem (2005) que aconteceu em Goiânia, a Síndrome do Esgotamento Profissional foi definida como reação à tensão emocional crônica gerada a partir do estresse com o trabalho. Essa doença faz com que a pessoa perca a maior parte do seu interesse em sua relação com o trabalho. O quadro clínico da Síndrome costuma obedecer a seguinte sintomatologia: esgotamento emocional, despersonalização ou desumanização, que consiste no desenvolvimento de atitudes negativas, de insensibilidade, sintomas físicos de estresse, tais como: cansaço e mal estar geral. Manifestações emocionais do tipo: falta de realização pessoal, sentimentos de vazio, esgotamento, fracasso, impotência. É freqüente a irritabilidade, inquietude e a dificuldade para a concentração.

A síndrome pode resultar em transtornos psicossomáticos, como por exemplo, a fadiga crônica, freqüentes dores de cabeça, hipertensão arterial e outras desordens. As causas e os sintomas não são universais. Dependendo das características da pessoa e das

circunstâncias em que esta se encontre, o grau e as manifestações são diferentes. (BENEVIDES-PEREIRA, 2001, p.34).

A Síndrome do Esgotamento Profissional não traz conseqüências nocivas apenas para o indivíduo que a possui. Acontece uma perda na qualidade do trabalho executado, as faltas ao trabalho tornam-se freqüentes, acompanhadas de atitudes negativas junto aos colegas de trabalho e junto a instituição.

As angústias registradas no encontro com o grupo de professores que não possuem nenhum atestado nos últimos três anos (grupo focal 01) e o grupo de professores que possuem mais de quarenta e cinco dias de atestado nos últimos três anos (Grupo focal 02) apresentam indícios de um processo de adoecimento. Isto pode ser observado nos depoimentos que seguem:

Eu trabalho em duas escolas. Uma o pessoal é bem novinho, pessoas mais novas estão ainda nos meados da carreira e na outra eu trabalho com pessoas que já estão finalizando a carreira, estão no ponto de aposentar e a gente chega lá estressada com problemas da primeira escola. E eles começam com assunto de aposentadoria e me falam: você ainda está no início. Mas é um início que para mim está valendo a vida inteira desse pessoal. Eu percebo em todas as duas escolas que as pessoas vão trabalhar passando mal, sentindo mal mesmo, às vezes nem é um mal físico. Você olha para as pessoas e elas estão abatidas.”Hoje eu não estou sentindo bem”. O que você tem? “Ah, não sei estou com uma coisa ruim...” Você vê que é a decepção, é a frustração, é a impotência de querer fazer e não conseguir. Então eu acho assim que o mal da gente está girando em torno do psicológico mesmo. (grupo focal 01)

Estou prejudicando minha relação com a própria família. Às vezes chego em casa sem paciência, não quero conversar com ninguém, não quero ver ninguém. (Grupo focal 01)

Eu já tive vezes que eu levantei, abri o meu olho de manhã, eu lembrei que eu tinha que ir para a sala de aula, meu coração disparou e eu não consegui ir. (Grupo focal 02)

Aquele que é professor, ele tenta dar o sangue. A cada ano é um novo recomeço. Tem que começar com novos alunos...às vezes você pensa o que é melhor para o aluno...uma turma boa...outra mais fraca...a gente tem que dar o melhor. Aí a gente vai caminhando...caminhando. Só que aí você adocece, não tem como pegar um atestado, fazer qualquer coisa, porque você não tem a onde ir, não tem um convênio (...) Eu estava chegando em um estado crítico. E aonde a gente vai buscar ajuda? Eu chegava chorando na escola, eu cheguei a chorar na escola...todo dia eu estava chorando, chegava umas três horas da tarde eu já estava esgotada – o meu corpo – eu começava a chorar, eu ia para o banheiro e chorava...chorava...chorava..entendeu? (Grupo focal 02).

Segundo Codo (1999), a síndrome do esgotamento é algo como “perder o fogo” “perder a energia”. É uma síndrome em que o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de maneira que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil.

Eu já comecei tratamento com psicólogo, porque essas coisas que eu fico sentindo de não dar conta, de não ser capaz, me faz mal isso fica instalado (...) meu sentimento é um pouco de tristeza mesmo, eu queria muito me sentir motivada, eu sou uma pessoa que preciso estar entusiasmada com as coisas. Quando eu não estou entusiasmada, me dá um sentimento de perda é como se eu estivesse fazendo aquilo, empurrando com a barriga e eu não gosto. Eu quero fazer melhor, apesar de gostar dos meus alunos, de tentar fazer o melhor, de uns tempos para cá, eu sinto que eu não sou como era antes, no começo, a minha empolgação, o meu entusiasmo, acabou. Parece que já deu o que tinha que dar. Sei lá... Parece que o seu tempo de 25 anos é 12 anos. (Grupo focal 2)

Eu ando assim: hoje é segunda na escola, amanhã é terça tem educação física, amanhã é quarta, já vai chegar quinta está acabando...eu vou levando a semana assim tentando me colocar para frente, então eu fico assim me enganando, porque é um mecanismo pensar assim, hoje é segunda, amanhã já é terça mais um dia que eu já acabei . (Grupo focal 2)

A síndrome do esgotamento acontece em estágios, sendo que um deles corresponde ao total colapso físico e psíquico. Os depoimentos abaixo evidenciam sintomas de um esgotamento em estágios bem avançado.

Quando o meu psiquiatra viu meus exames, meus outros médicos, clínicos, endocrinologista, cardiologista, um monte que nem estou lembrando aqui, aí ele me deu um atestado por tempo indeterminado, porque meu corpo estava em colapso. Eu fui tomando os remédios, fui refazendo, agora estou melhorando um pouco, fiquei afastada quase dois anos. (grupo focal 2)

...a gente vai carregando o mundo nas costas e aí desgasta emocionalmente, desgasta fisicamente. Vocês ficariam bobas de ver se eu for falar aqui, tudo o que eu tenho, vou virar a noite discorrendo sobre medicina. (grupo focal 3)

Essa profissão nossa é extremamente desgastante, acaba com a saúde mesmo. Todo mundo fica assim: Você é tão novinha e já está em desvio de função? (Grupo Focal 3)

A Tabela 3 apresenta as patologias do grupo de professores efetivos das séries iniciais que apresentaram junto à Secretaria Municipal de Saúde atestado médico de 16 a 30 dias nos últimos 03 anos. O professor só é submetido à junta médica da Secretaria Municipal de Saúde a partir de 16 dias de atestados, por esse motivo foi investigado esse grupo. O total da amostra corresponde a 12% do total dos professores da rede.

Tabela 3 – Diagnóstico dos professores que possuem de 16 a 30 dias de atestado 2006/2008

| Nº de Professores | Percentual de professores que possuem de 16 a 30 dias de atestado | Código Internacional de doença |
|-------------------|---|--------------------------------|
|-------------------|---|--------------------------------|

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Vespasiano/MG

De acordo com os dados da Tabela 3, pode-se verificar que, entre os professores da amostra, o índice maior de adoecimento está relacionado a problemas emocionais. Vale ressaltar aqui que, infelizmente, quase todos os casos detectados já passaram por duas ou mais categorias dentro da mesma família de classificações, o que significa que houve um agravante da doença. Os dados vão ao encontro da hipótese que os agentes associados ao trabalho dos professores podem estar causando o adoecimento da categoria, tendo em vista que a patologia está frequentemente relacionada com situações ou fatos estressantes.

O grupo focal 03 foi constituído pelas professoras que estão em ajuste funcional ou em desvio de função, sendo que três delas apresentam problemas na voz, duas problemas psíquicos e uma tem glaucoma. Este grupo de professoras se encontra em uma situação muito fragilizada. Exceto as que têm problemas na voz, as demais não podem atribuir como causa da doença o exercício da profissão, mas elas estão certas que o mesmo contribuiu muito para o desenvolvimento da doença. Segundo estas professoras o sentimento de perda e de

discriminação que sofrem no próprio ambiente de trabalho aceleram as patologias e criam outras.

A professora faz o seu relato com lágrimas nos olhos.

Todo mundo de repente esquece do seu passado. Eu apesar de aparentar nova estou com 15 anos de prefeitura, então nesses 15 anos, contribui muito. Não me perguntem se eu já trabalhei com uma turma boa de aprendizagem, de comportamento, que eu te falo que eu nunca soube o que é isso, todos os meninos difíceis que tinham na escola eram para mim. Eu te falo que a minha questão hoje não é apenas profissional, porque eu passei por questões particulares que de certa forma contribuíram também. Mas a escola interferiu sim. Quando eu voltei a trabalhar, meu filho tem três anos e eu tive uma série de problemas na gravidez, depois da gravidez eu tive problemas, porque meu filho nasceu com traumatismo craniano e quando eu voltei a trabalhar, me “chucharam” uma turma com sérias dificuldades de aprendizagem e de comportamento. Então assim, se eu já estava abalada e naquele momento eu não estava aceitando que eu tinha problemas psicológicos - é difícil você aceitar isso - aí eu desenvolvi uma depressão, uma síndrome do pânico, transtorno obsessivo compulsivo, tudo de uma vez. E eu não me dava conta de aluno, daquela coisa toda. E quando eu fui dar conta que eu precisava de tratamento eu já estava no fundo o poço. (grupo focal 3)

Quando o professor está debilitado já precisando de um tratamento, ele sente o peso da desvalorização financeira da profissão, pois ele nem sequer consegue tratar da sua doença com dignidade.

Sinceramente quem tem problemas de saúde que necessita de um acompanhamento igual é no meu caso, eu não consegui fazer o meu acompanhamento por questões financeiras. Tive um distúrbio psiquiátrico, lutei muito contra isso, foi muito difícil para eu aceitar (...) até chegar ao ponto da diretora chamar os meus pais na escola para me buscar, porque eu não tinha condições de ficar na escola mais. (grupo focal 3)

Quando a gente está em desvio por questões psiquiátricas, como é no meu caso, além do tratamento ser um tratamento extremamente caro, os remédios não são baratos, o psiquiatra ainda vira para você e diz você tem que fazer uma psicoterapia, você chega lá à sessão é cem reais por semana. Quer dizer o seu trabalho te levou ao adocimento e não te dá condições de cuidar da saúde. Se eu tiro quatrocentos reais por mês para pagar terapeuta, além dos quatrocentos que compro de remédio meu salário vai ficar todo nisso. Então assim, é complicado até para o seu tratamento. É difícil, matando um leão por dia pra conseguir fazer o seu tratamento, vai chegando o final do mês, seu remédio acaba e aí como é que você faz. Uma caixa de remédio custa vinte reais, você compra outro remédio, não te faz o mesmo efeito, divide de três vezes no cartão de crédito e por aí vai...

(grupo focal 3)

Ela estava falando de preços, meu psiquiatra por exemplo 75% dos clientes dele são educadores, então ele já tem um aparato todo especial para o tratamento, mas ele é caro e eu não quero trocar. (grupo focal 3)

Existe um grande desrespeito com a categoria, principalmente com aquele que já está em ajuste ou desvio funcional. As queixas mais freqüentes deste grupo de professores giram em torno da desvalorização salarial, dos rótulos que eles adquirem com a doença e de um ambiente hostil de trabalho.

Mas uma coisa que eu não gosto nem de falar e que me magoa muito é ter esse rótulo de desviado de função, isso tem um peso muito grande na vida da gente, dentro da escola, porque o desviado passa a ser considerado o inútil e eu me via como inútil por mais que você remasse, remasse, remasse, você nunca é reconhecido, porque você está desviado de função. (grupo focal 3)

Porque fica parecendo que você é uma criminosa dentro da escola, porque parece que eu cometi um crime grave. As pessoas não comunicam com você, você não serve para nada, você é jogada pra lá...(grupo focal 3)

Uma professora fez referência ao “assedio moral” que se refere à lei estadual n.3921 de 23/08/2002 que dispõe em seu art. 2º:

Considera-se assédio moral no trabalho, para os fins do que trata a presente Lei, a exposição do funcionário, servidor ou empregado à situação humilhante ou constrangedora, ou qualquer ação, ou palavra gesto, praticada de modo repetitivo e prolongado, durante o expediente do órgão ou entidade, e, por agente, delegado, chefe ou supervisor hierárquico ou qualquer representante que, no exercício de suas funções, abusando da autoridade que lhe foi conferida, tenha por objetivo ou efeito atingir a auto-estima e a autodeterminação do subordinado, com danos ao ambiente de trabalho, aos serviços prestados ao público e ao próprio usuário, bem como, obstaculizar a evolução da carreira ou a estabilidade funcional do servidor constrangido. (BRASIL, 2002)

Segundo a professora, o desviado de função é vítima de tal crime. Sobre este ponto ela se manifestou, como segue:

Já desabafei com uma pessoa que me disse assim: Você passa por assédio moral. Aí é que eu fui saber o que era e realmente, nós que estamos em desvio de função sofremos esse tipo de assédio e é crime e a gente aquece a calada. (grupo focal 03)

Falta muito a questão do respeito e da ética, falam que você não tem controle emocional, falam que você é doída, falam uma série de coisas (grupo focal 03)

Os depoimentos abaixo ilustram bem as condições de trabalho que são oferecidas aos professores que estão afastados da sala de aula temporariamente ou definitivamente. A escola não parece estar preparada, nem consegue adaptar os funcionários à nova situação que vêm aumentando consideravelmente. O sofrimento destes professores é eminente. O fato de

estar o tempo todo buscando novos rumos dentro da escola e provar que ainda são capazes, causa ansiedade, insatisfação e revolta.

Tenho um desgaste muito grande na voz – as pessoas desrespeitam isso, então às vezes eu preciso ficar lembrando o que eu posso e quais são as minhas limitações. Isso é questão de respeito mesmo. Os colegas de trabalho, embora já convivam comigo há muito tempo, as pessoas acham assim que eu tenho muitos deveres, mas eu tenho meus direitos também, a ponto de questionar uma férias que eu tenho o direito igual a todo mundo, de questionar até a questão financeira, eu acho que é uma forma de estar punindo a gente mesmo. Porque você não vai receber isso, porque você não tem aluno. E assim muitas pessoas na escola elas reforçam isso e concordam. Infelizmente a escola tem essa cultura sim, de quem é valorizado é quem dá aula. (grupo focal 3)

O dia inteiro, o tempo todo, você tem que mostrar que você é capaz de realizar ainda alguma coisa, mesmo que a direção, colegas não te dizem nada, sua situação já lhe diz tudo. Então vejo que a situação do ajuste funcional ou até mesmo do desviado, como a palavra mesmo fala você tem que achar o caminho. (grupo focal 3)

Uma das professoras deste mesmo grupo (3) faz uma crítica aos cursos de formação de professores que não levam os alunos a discutirem os problemas de saúde da categoria. Para a professora se a problemática fosse discutida nos cursos de formação, alguns problemas poderiam ser evitados.

Eu acho que tudo começa na falta de orientação quando a gente está lá nos primórdios estudando, ninguém nos orienta sobre a sua saúde. Como cuidar da nossa saúde, só quando a gente já está no fundo do poço, aí a gente vai tratar da doença. Ninguém te orienta sobre a saúde vocal, a importância dela. Ninguém te faz uma palestra, nem os nossos gestores depois que entram, nem a secretária de educação. Ninguém tem o cuidado de te dizer: você tem que levar uma garrafinha de água para a sala, de tempo em tempo tomar um pouquinho. Ninguém nos orienta no curso Normal Superior e nem no Curso de Magistério, eles não dizem assim: você tem que se prevenir, você não tem que carregar o mundo nas costas, você não é Hercules. Então você começa carregando todos os problemas, tem trinta alunos ou mais e carrega os problemas de todos. (grupo focal 3)

Através dos resultados coletados, pode-se concluir que a categoria “pede socorro”, as professoras encontram-se envolvidas em uma teia de situações muito adversas que causam mal estar. As implicações deste contexto vêm desencadeando um processo de sofrimentos e adoecimentos cumulativos.

Fica evidente que a categoria no momento se encontra frágil, buscando a superação de sentimentos de perdas, impotência e solidão. Esses resultados são um convite à reflexão, para todos aqueles que ainda acreditam na educação e na arte de ser mestre pois, como afirmou uma professora: “Apesar de tudo isso..eu amo a educação” (grupo focal 3)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Codo (2001) desde os anos 90 tem se intensificado o afastamento dos professores da sala de aula. Sendo assim, surgem algumas indagações referentes a esse processo. Variadas pesquisas indagam as causas destes afastamentos. As hipóteses são levantadas em torno das seguintes questões: gestão escolar autoritária, a precariedade do sistema de ensino, questão de gênero, a democratização da escola pública, a desvalorização social da profissão, os baixos salários, a insuficiência dos saberes docentes, dentre outros.

O objetivo deste trabalho foi compreender, sob a perspectiva do professor, a dinâmica da relação trabalho/saúde dos docentes das séries iniciais do ensino fundamental da Rede Municipal de Vespasiano/MG, identificando os agentes associados ao trabalho que contribuem para a produção de sofrimento e de adoecimento.

Foi possível constatar que são vários os agentes associados ao trabalho que contribuem para o sofrimento e adoecimento dos professores alguns já mencionados em pesquisas anteriores.

Existem evidências nesta pesquisa que sugerem que a desvalorização profissional é uma das principais causas de mal estar entre a categoria. Esta desvalorização está vinculada a uma rede de dilemas que se entrelaçam, como questões salariais e a perda da identidade docente, por exemplo, e trazem inquietações aos professores contribuindo para o agravamento do quadro de adoecimento a que são submetidos.

Os conflitos de identidade são denunciados pela maioria das professoras investigadas. A maioria concorda que nos últimos anos, vem aumentando as responsabilidades e exigências que lhes são atribuídas, coincidindo com um processo de rápidas transformações sociais. Exigi-se das professoras, cada vez mais, uma mudança de postura e elas não encontram os mecanismos para realizarem as adaptações.

A pesquisa de campo revelou que a atual situação do trabalho das professoras é de inseguranças e incertezas que afloram no momento atual, desestabilizando a profissão.

As professoras estudadas se queixam que as relações que se estabelecem hoje no cotidiano escolar são conflituosas e difíceis. Não há discordância entre os grupos de professores da amostra estudada em que as relações com alunos, com pais de alunos e com os próprios colegas de trabalho são tensas e estressantes. As professoras demonstram um certo desencanto frente à profissão.

O profissional da educação vive hoje em um campo de tensões. Não consegue perceber os resultados do seu trabalho e passa a se sentir impotente diante dos problemas atuais.

Sintomas de esgotamento profissional foram apontados por todos os grupos investigados; irritabilidade, fadiga, intolerância, sensação de vazio, indiferença, frustrações, medos e desesperança.

Os acontecimentos do cotidiano escolar têm afetado o relacionamento das professoras com suas próprias famílias. A falta de paciência foi mencionada como um fator que tem provocado um desequilíbrio na relação familiar. A energia que as professoras possuem é sugada durante a jornada de trabalho e quando retornam para casa não há mais nada a oferecer.

As condições do dia-a-dia escolar muitas vezes exigem improvisações por parte das professoras causando uma sensação de mal estar. O professor não se vê capaz de enfrentar constantemente situações adversas.

A sobrecarga de trabalho impede o professor de cuidar da sua vida em particular. Duas professoras apenas revelaram possuir algum tipo de lazer, elas constantemente mencionavam que o lazer demanda um investimento alto, que não está acessível à categoria por razões financeiras. Mesmo as que não fizeram relação do lazer ao investimento financeiro, fizeram referência ao tempo gasto nos finais de semana à procura de atividades novas e relevantes que possam fazer diferença e despertar o interesse da turma.

Apesar de 86% do grupo pesquisado possuir curso superior, elas não se sentem preparadas para enfrentar as demandas atuais e nem mesmo a experiência na função tem contribuído para solucionar determinadas situações. Todas as professoras possuem mais de 10 anos de experiência, mas todas elas evidenciam uma certa frustração em não conseguir atingir os objetivos traçados para o desenvolvimento das aulas. A falta de interesse dos alunos tem sido uma causa relevante que contribui para agravar o mal estar. Os saberes docentes provenientes de teorias, concomitantes com as experiências docentes não apontam o caminho para conseguir o melhor desempenho de seus alunos, em face de outros fatores que independem dele, conforme foi observado ao longo dos depoimentos.

Essa geração de professores se vê de mãos atadas já que nem como alunas e nem como profissionais foram preparadas para as demandas que se apresentam. Ainda é possível perceber que as professoras ficam desejosas de melhores dias, mas não conseguem conjecturar nenhum caminho que as leve a uma zona de conforto. A professora que tem 25 anos de serviço

espera com ansiedade o dia da aposentadoria e as demais não conseguem visualizar a possibilidade de cumprir o tempo regulamentar, se não ocorrer uma mudança no percurso.

É preciso reconhecer que a situação deste profissional não é nada animadora. Pelo conjunto dos depoimentos que analisamos nesta investigação percebe-se um processo de adoecimento em razão de estarem vivenciando tensões emocionais diferenciadas no exercício de sua atividade profissional.

O quadro de perdas e insatisfações vem corroendo aos poucos a vida deste profissional que tanto já contribuiu para o desenvolvimento humanizador desse país. As autoridades e a sociedade estão virando as costas para a situação de adoecimento do professor.

Ao concluir esta pesquisa fica a expectativa de que dias melhores virão para a categoria. A sociedade precisa reconhecer a importância do trabalho docente, para que os professores possam recuperar o orgulho de pertencerem ao quadro de formadores de cidadãos e de opiniões deste país. Uma boa contribuição para a melhoria da categoria seria exigir da sociedade que dêem respostas, ela também, às mudanças que vêm ocorrendo. Redefinir os valores em que acreditam, os objetivos pelos quais trabalham e que tipo de cidadão querem formar, ajudaria também, os professores a amenizar essa condição enfraquecida na qual se encontram.

Precisamos acreditar na reversão deste processo que, a meu ver, chegou ao limite, se não correremos o risco de presenciar muito em breve, a falência da profissão.

Eu escutei de uma secretária de educação uma vez que o professor em desvio de função é cavalo morto. Muitos anos eu fiquei com isso: sou cavalo morto. Até que eu encontrei na biblioteca da escola, uma maneira de mostrar que o cavalo ainda podia fazer alguma coisa, ele respirava dentro da escola. Aquelas coisas que ninguém dava conta de fazer, porque ninguém tinha visão para aquilo, como por exemplo, contar histórias. Então o cavalo morto podia ressuscitar esta atividade dentro da escola. Você tem que se encontrar o tempo todo, o tempo todo você tem que estar fazendo vapor dentro da escola, não pode apagar nunca tem que se fazer valer, senão as pessoas esquecem de você. (grupo focal 03)

Espera-se com este trabalho de pesquisa contribuir para a compreensão do processo de mal estar que acometem os professores no momento atual e despertá-los, bem como, os administradores educacionais para a elaboração de programas de prevenção contra o adoecimento, resultando, assim, na conquista de uma vida mais saudável. Neste sentido, seria importante a manutenção do equilíbrio, através de uma reflexão sobre as adversidades do cotidiano que causam mal estar e a partir deste ponto, implementar mudanças na vida pessoal e

profissional, buscando uma força motivadora que eleve o nível de energia e supere as dificuldades.

Para que os professores possam manter as condições estimulantes do ambiente escolar para os seus alunos, se faz necessário que as mesmas condições sejam dadas a eles.

Para compreendermos a crise de identidade em que os professores se encontram, seria relevantes como objetos de investigações futuras as trajetórias dos professores e as imagens construídas socialmente ao longo de sua profissionalização, aliadas a outras investigações já existentes, poderiam quem sabe, trazer uma contribuição para os professores que ainda permanecem na profissão. Certamente tal questão mereceria outra pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficação**. Campinas: Papirus, 1998.
- AQUINO, J. G. **Confrontos na sala de aula uma leitura institucional da relação professor aluno**. São Paulo: Ed. Summus, 1996.
- AMIEL, R. et al., **L'évolution de la relation enseignant enseig-né**. Paris: Ligue Française d'hygiène mentale, 1970.
- ANTUNES, R., 1995. **Fordismo, Toyotismo e Acumulação Flexível**. In: Adeus ao trabalho? São Paulo. Editora Univ. Estadual de Campinas.
- ARRUDA, M., **.Globalização e desenvolvimento comunitário autogestionário**. In: Ensaio escrito para a Rede de Ação Comunitária: Irlanda, 1998.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre - Imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ATHAYDE, M, BARROS, M. E. B., BRITO, J. C. e NEVES, M. Y. (orgs.), 2001. **Trabalhar na escola? "Só inventando o prazer"**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.
- BARROS, M. E. B. **A transformação do cotidiano viés de formação do educador: a experiência da administração em Vitória/ES (1989-1992)**. Vitória: EDUFES, 1997.
- BRASIL. **Lei n ° 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Presidência da República, 1991.
- BRASIL. Lei n. 9394/96. **Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: 1996.
- BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. **O processo de adoecer pelo trabalho**. In.: Benevides-Pereira, A.M.T. (org.). Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. S.Paulo:Casa do Psicólogo, 2002.
- BRASIL., Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997
- BRASIL/Inep. Esplanada dos Ministérios. **Censo Escolar. Brasília: 2005** MINAS GERAIS. Fundação João Pinheiro. Senso Escolar, 2005
- CASTRO, M. de. **Percorrendo os caminhos da profissão docente: estudo a partir da trajetória de professoras formadas nas primeiras décadas do séc. XX**. Relatório de Pesquisa. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: Financiamento FIP, 2005.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

- CODO, W. **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes/Brasília, 1999. CNTE.Unb.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 57^o. 2005. Goiânia, **A saúde mental do trabalhador de enfermagem**. Goiânia: novembro de 2005.
- COSTA, M. da, KOSLINSKI, M. C. **Entre o Mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de educação. Rio de Janeiro: v. 11 n. 31 Jan./abril, 2006.
- COSTA, M. V. (org). **A escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP&, 2003**.
- COSTA, S. S. G. **De fardos que podem acompanha a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo)**. Educação & Sociedade. Campinas v. 26 n. 93 p. 1156-1542 set./dez., 2005
- DEFRANK, R. S.; STROP, C. A. **Teacher Stress and Health: Examination of a model** Journal of Psychosomatic Research. Vol. 33, n. 1, p. 99-109, 1989. In: Jesus, Saul Neves de. **Motivação e formação de professores**, 1996, p. 245.
- DOLORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999. 288p.
- EQUIPE VISÃO ILIMITADA. **As fases do Esgotamento pelo Stress no Trabalho**. Revista Viver Mente e Cérebro. São Paulo. No. 07, pág. 23 a 29. maio/2009
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente a sala de aula e a saúde dos professores**.. Tradução: Durely de Carvalho Caviechia. 3^a. ed., Bauru: Educ, 1999.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica disciplina e indisciplina na aula**. Coleção Ciência da Educação. 4^a. ed. Porto Editora, 1991.
- FERREIRA, L. A. M. **A indisciplina e o ato infracional**. Santa Catarina: MP, 2004
- FREITAG, B. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Cortez, 1987
- FRELLER, C. C. *et. al.* **Orientação à queixa escolar**. Psicologia em estudo. Maringá:, v. 6, n. 2, p. 129-134, jul./dez. 2001.
- FREUDENBERGER, H. J. **Staff bum-out**. Journal of social Issues, 30 (1), 159-165, 1974.
- FUNDAÇÃO IBI TENOLOGIA ALTERNATIVA. **Plano Diretor Estratégico Participativo Diagnósticos e Tendências**. Vespasiano/MG: dez, 2005
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Órgão Oficial de Estatística do Estado de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão: MG 2005.

GADOTTI, M.. **História da Idéia Pedagógicas**: São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, J. **Indisciplina na Escola: Uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista paranaense, Curitiba, n. 95 jan./abr. 1999. p.101-108

GASPARIN, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre a saúde**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo: Vol. 31 nº 02 mar/agost., 2005.

GOMES, L.. **Trabalho Multifacetário de professores/as: a saúde entre limites**. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

GOMES, A. A. **Usos e possibilidades do grupo focal e outras alternativas metodológicas**. Papers, 2003.

GOMES, A. A. **A construção da Identidade profissional: uma análise de egressos do curso de Pedagogia**. VI Congresso Português de Sociologia. Lisboa: UNL, 2008.

HARDT, M.; NEGRI, A.. **Império**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

HARGREAVES, A. **Os professores em tempos de mudança: O trabalho e a Cultura dos professores na Idade Pós moderna**.. Portugal: Mcgraw-Hill, 1998.

HECKERT, A L; ARAGÃO, E. ; BARROS, M. E. B., OLIVEIRA, S. 2001. **A dimensão coletiva da saúde: uma análise das articulações entre gestão administrativa-saúde dos docentes, a experiência de Vitória In: Trabalhar na escola? Só inventando o prazer** (Milton Athayde., Maria Elizabeth Barros, Jussara Brito e Mary Yale. Orgs.) p. 123-162, Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.

HYPOLITO, A. M.. **Trabalho Docente, classe social e Relações de Gênero**. Campinas SP: Papirus, 1997

JESUS, S. N. **Motivação e Formação de Professores**. Coimbra, Portugal: Quarteto, 1996.

JESUS, S. N. **Perspectivas para o bem estar docente: uma lição de síntese**. Cadernos do CRIAP. 29ª. ed. ASA: 176, 2002.

JUNQUEIRA, A. C. **Veja os sintomas de esgotamento profissional**. In: Diário do Vale. Disponível em <<http://www.diarioon.com.br/arquivo/4888/cadernos/viver-16834.htm>> Acesso em: 29-05-2009)

LIPP, M. N. **O estresse do professor**. Campinas: Papirus, 2002

LOIZOS, P. **Vídeos, filme e fotografias com documentos de pesquisa**. Qualitative Resarching With text, Image and Sound Rio de Janeiro: vozes, 2000

MACHADO, L. Z. **Gênero, um novo paradigma?** In: Cadernos Pagu, n.11, 1998, p. 107-125, 1998

MACIEL, L. S. B e NETO, A. S (orgs) **Formação de Professores: passado, presente e futuro.** São Paulo: Cortez, 2004.

MOREIRA, A F. B. Currículo, utopia e pós-modernidade. In MOREIRA, (org). Currículo: questões atuais. Campinas: Papyrus, 1997.

MOREIRA, A F. B. O currículo na escola básica: discussões atuais. In: Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação – CAPE, Belo Horizonte, 2004.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research.** 2nd ed. London: Sage, 1997. (Qualitative research methods, v. 16). 80p.

.MARTINEZ, D., VALLES, I. e KOHER, J. 1997. Selud y trabajo docente. **Tramas do malestar en la escuela.** Buenos Aires. Argentina: Ed. Kapelusz, 1997.

MAZZOTI, A. J. A. **Linguagens, espaço e tempos no ensinar e aprender.** ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

NEVES, M. Y. Trabalho **docente e saúde mental: a dor e a delícia de ser (tornar-se) professora.** Rio de Janeiro: Tese de doutorado Rio de Janeiro: IPUB/UFRJ, 1999..

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** In. NOVOA A. (coord) os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações, Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. **Formação de professores: o trabalho pedagógico.** Lisboa; Educ, 2002

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A concepção dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores.** Genebra: OIT/Unesco, 1984.

PASCHOALINO, J. B. Q.; ARANHA, A. V. S.; CUNHA, D. M. **O mal estar do professor seleção curricular e o trabalho docente.** III Colóquio Luso-Brasileiro. Belo Horizonte: CIEd, 2006

POLATO, A., **Remédios para o professor e a Educação.** Revista Nova Escola. São Paulo: Ano XXIII, n. 211. p. 39-45 ab/2008.

PRETTO, N. L. **Educações e Culturas: em busca de aproximações.** In: Quietude da Terra. Projeto Axé. Salvador/BA, 2000.

PRETTO, N.; PINTO, Cláudio da Costa. **Tecnologia e novas educações.** Revista Brasileira de Educação. V. 11 n. 31, jan/abr, 2006.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 3921, de 23 de agosto de 2002.** Dispõe o § 5º combinado com o § 7º do artigo 115 da Constituição Estadual. Assembléia Legislativa do Estado do Rio de

Janeiro: agost/2002.

REIS, E. J. F. B. *et. al.* **Formação de profissionais da educação**. Educação & Sociedade. Campinas: V. 27 n. 94 Jan./abr. 2006.

RUIZ, R. C. **Absenteísmo médico de professores de escolas Públicas: estudo de prontuários da Perícia Médica de Sorocaba**. Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Saúde Coletiva. Campinas. SP: UNICAMP, 2001.

SAMPAIO, M. M. F. & MARIN, A. J. **Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares**. In. Educação e Sociedade. vol. 25 n. 99. Campinas Set/Dez. 2004.

SANTOS, B. S. **Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento** In: Educação & Realidade, n. 26, v. 1, p. 13-32, jan/jun 2001.

SANTOS FILHO, J. C. **A pesquisa em educação: retrospectiva, práticas atuais e perspectivas**. Universidade do Oeste Paulista/Programa de Mestrado em educação. São Paulo: UNASP, 2003.

SARASON, Seymour. **Charter Schools: Amather flawed educational reform?** New York: Teachers College Press, 1998

SELIGMANN-SILVA, E. **Saúde mental e trabalho**. In COSTA, N. R. & TUNDIS, S. A. Cidadania e loucura – políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SILVA, T. T. da, HALL, S. e WOODWARD, K. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SINPRO-BA – Sindicato dos professores. **Relações entre trabalho e Saúde: A saúde como elemento para repensar a prática do Ensino**. Salvador, BA: 2003.

SOUZA, K. R. Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro. CSEPE – RJ. **Sua luta pela saúde no trabalho**. Ciência e Saúde Coletiva, V. 8, nº 4, p. 1068, 2003.

SIQUEIRA, M. J. T. e FERREIRA, E. S. **Saúde das professoras das séries iniciais: o que o gênero tem haver com Isso?** Psicologia: Ciência e profissão. Brasília: v. 23 n. 3, set./2003

STEPAN, N.. **Gênese e evolução das Ciências no Brasil**. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e formação profissional**. Petrópolis RJ: Vozes, 2002

TEIXEIRA, I. A. C. **Da condição docente: primeiras aproximações teóricas**. ANPEd. Caxambu/MG pág. 01-10 Junho, 2007

VEIGA-NETO, A.. **De geometrias, currículo e diferenças.** Educação & Sociedade. Rio de Janeiro: ano XXIII, n. 79. Agosto, 2002.

VEIGA-NETO, A. **Espaços, tempos e disciplinas: As crianças ainda devem ir à escola?.** Texto para o Simpósio Espaços e tempos escolares, no 10º ENDIPE, Rio de Janeiro: 31 de maio de 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Crise da Modernidade e Inovações Curriculares: da disciplina para o controle.** Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre, 2008.

VEIGA, L. & GONDIM, S.M.G.. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político.** Opinião Pública. 2(1), 1-15, 2001

VIEIRA, Jarbas Santos. **Política Educacional, Currículo e Controle Disciplinar: implicações sobre o trabalho docente e a identidade do professorado.** Currículo sem Fronteira, v. 2, n. 2, pp. 111-136, Jul/Dez. UFP, 2002.

VILA, J. V. **La crisis de la funión docente.** Valencia: Promolibro, 1988a

VILELA, R. A. (orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa.** Rio de Janeiro: DP&a, 2003 p..287

APÊNDICES

APÊNDICE A

Vespasiano, ____ de _____ de 2008.

Prezado(a) Professor(a),

Venho por meio desta, convidá-lo(a) a participar do projeto de pesquisa que estou desenvolvendo, como pré-requisito para defesa da Dissertação de Mestrado.

Trata-se de um trabalho sério, que tem por objetivo analisar e compreender o Mal estar docente sob a perspectiva do professor, buscando identificar os fatores que contribuem para o seu surgimento.

Certo de poder contar com seu apoio e contribuição, desde já agradeço e coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Adelúzia Fernandes de Deus

Diretora da E. M. Sebastião Fernandes

Professora no Curso de Pedagogia da UNIPAC - Jaboticatubas/MG

Mestranda em Educação e Sociedade – UNIPAC – Barbacena

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA DISCUSSÃO - GRUPO FOCAL

Questão Principal

1) Como você se sente em relação à profissão docente?

- Relação financeira
- Relação com a sociedade
- Relação com os alunos
- Relação com os familiares dos alunos
- Relação com a equipe de liderança da escola
- Relação a sua própria família

Questão principal

2) Como está a sua saúde física e emocional hoje?

- Enfermidades
- Afastamento
- Tratamento
- Sentimentos
- Mal estares

Questão principal

3) Como vocês vêm à escola de ontem e a escola de hoje?

- Clientela
- Gestão
- Participação da família na escola
- Políticas públicas
- Formação profissional
- Valorização profissional

Questão principal

4) Quais são as possíveis estratégias utilizadas para preservar a saúde?

- Lazer
- Práticas Pedagógicas
- Políticas preventivas

Questão principal

5) Quais são as maiores dificuldades encontradas hoje no exercício da profissão?

- Em relação ao currículo
- Relações interpessoais no interior das instituições escolares
- Metodologia
- Saberes dos docentes
- Condução da sala de aula

APÊNDICE C

TERMO DE COBNSSENTIMENTO

Eu _____, portador da CI _____, abaixo assinado, venho por meio deste, comprovar minha participação voluntária na pesquisa e autorizar a publicação dos dados referentes ao meu depoimento. É do meu conhecimento que a pesquisa é coordenada por Adelúzia Fernandes de Deus funcionária da Rede Municipal de Educação de Vespasiano e aluna do Mestrado em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos – Barbacena/MG.

Declaro ainda estar ciente que serei resguardado(a) pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta pesquisa. Recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador.

Vespasiano/agosto de 2008.

APÊNDICE D

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
PROJETO: “O MAL ESTAR DOCENTE E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DO
PROFESSOR”

METODOLOGIA DE PESQUISA – GRUPO FOCAL _____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO COMPONENTE DO GRUPO

ESCOLA(S):

ENDEREÇO: _____

_____ TELEFONE: _____

NOME:

ESCOLARIDADE: _____ DATA DE NASCIMENTO: _____

ENDEREÇO: _____

ESTADO CIVIL: _____ DEPENDENTES: _____

TELEFONES PARA CONTATO: _____

TEMPO DE SERVIÇO NA EDUCAÇÃO: _____

FUNÇÃO ATUAL: _____

SÉRIE QUE LECIONA: _____ FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS: _____

ANEXOS

